

Tribuna Operária

ANO IX - Nº 335 - DE 26 DE OUTUBRO A 01 DE NOVEMBRO DE 1987

Cz\$ 15,00

QUEDA DA BOLSA

A crise do império americano

O pânico envolveu os países capitalistas durante a última semana. Na segunda-feira, dia 29, a Bolsa de Valores de Wall Street, em Nova York, mer-

gulhou no abismo. Os valores das ações caíram 22,62%. O pano de fundo é a crise do imperialismo americano. Veja na pág. 2.



EDITORIAL

Mudaram as moscas

Raios e trovões anunciaram drásticas reformas na equipe governamental de José Sarney. Agora, no concreto, o temporal não deu para encher uma xícara de café. Um resultado com dimensões equivalentes aos políticos que empreenderam a manobra.

Entre os escombros das prometidas relações sobraram apenas a extinção do há muito falecido Inera e a troca de alguns nomes. Prisco Viana, amigo do presidente desde os tempos do PDS, foi aquinhoado com o ministério do Desenvolvimento Urbano. E, numa atitude mesquinha, visando uma estocada no governador Fernando Collor, de Alagoas - que tem mantido uma postura corajosa pró diretas 88 e pelo respeito à Constituinte - o senador Divaldo Suruagy, do PFL alagoano, ficou com a pasta da Educação.

Como um cidadão que demonstra tanta incompetência, e que não conta nem com o apoio dos que considerava como aliados fiéis, ainda tem a arrogância de se outorgar um mandato de cinco anos e, para completar, diz que quer governar sem freios e sem limites?

Na encenação de toda a peça teatral, repetia-se com frequência que o rompimento da Aliança Democrática colocava na ordem do dia um novo pacto político e até o acordo com partidos que até o momento não estavam representados no ministério. Terminada a operação mantém-se exatamente a mesma composição PMDB-PFL. Como o povo já está acostumado a dizer, mudaram as moscas mas o governo continua o mesmo.

Não contente com este fracasso, entretanto, o governo vem promovendo uma nova investida. Através de setores mais reacionários, incentiva uma campanha de desmoralização da Constituinte. Procura criar condições para rejeitar em bloco o texto que sairá da Comissão de Sistematização no caso do resultado for contrário

aos desejos do presidente - em particular nas questões do mandato e da forma de governo. O sr. Delfim Netto, que dispensa qualquer apresentação, chegou a falar em duas alternativas igualmente absurdas: a primeira seria anular tudo o que já se aprovou na Comissão de Sistematização e, a partir do dia 28 deste mês, quando vence o prazo inicial previsto para concluir os trabalhos desta comissão, discutir tudo de novo em plenário. A segunda é dissolver a Constituinte - imaginem, talvez a golpes de baioneta - convocar eleições gerais e eleger uma nova Constituinte, "exclusiva".

A instabilidade crescente dá lugar até a "professores de democracia" com o cidadão citado acima. E permite também aos militares fascistas - agora acobertados legalmente pela sinistra ABDD - multiplicarem suas atividades conspirativas.

Ao povo, não interessa, nesse quadro político, permitir que a legalidade democrática seja violada. A Constituinte, com todos seus defeitos, é atualmente o fórum onde se expressa o choque entre os defensores da liberdade e do progresso e os partidários do obscurantismo e do arbítrio. E a realidade tem comprovado que uma tática parlamentar acertada, respaldada por um movimento de massas nas ruas e nas dependências do Congresso Nacional, pode assegurar importantes conquistas para o povo. Este encaminhamento pode frustrar os planos de Sarney prorrogar sua estadia no Palácio do Planalto e pode liquidar o sistema presidencialista fonte de crises intermináveis, substituindo-o pelo parlamentarismo.

Na tempestade de mentirinha provocada por Sarney, foi para o ralo também o que restava de prestígio do PMDB. Hoje o povo vê, tanto o PMDB como o PFL como dois agrupamentos fisiológicos, cujo programa maior é um simples carguinho no governo. Ao menos para isso a crise serviu.



Foto: César Diniz

Oito milhões de grevistas em 87

Estudo divulgado em primeira mão para a Tribuna Operária pelo DIEESE revela crescimento da luta operária. P. 8



V. I. LENIN SE ENCONTROU COM OS SOLDADOS E MARINHEIROS DURANTE A REVOLUÇÃO DE 1917

A maior revolução da história humana

A T.O. inicia, nesta edição, uma série sobre os 70 anos da Revolução Socialista. Página 5

Palestras sobre a Revolução

João Amazonas, do PCdoB, realizará palestras sobre a Revolução de Outubro de 17. Dia 5, às 19h30, na Câmara Municipal de São

Bernardo; dia 6 na Associação Brasileira de Imprensa, às 19h30, no Rio; dia 8 no Sindicato dos Aeroviários, em São Paulo, às 15 horas.

Autolatina age com violência contra a greve

Consórcio da Volks e Ford demite 2 mil grevistas em São Bernardo. P. 6

Jagunços e PMs levam a pior na luta pela terra

Na zona rural do Maranhão, vítimas fatais do lado latifundiário. Pág. 3

A UJS ensina a vencer na Constituinte

A Tribuna Operária entrevista os líderes da entidade que conquistou o voto aos 16 anos. Página 3.

CDM de Documentação e Memória

DESASTRE EM WALL STREET

O abismo que se abriu em Nova York

Nos últimos dias os países capitalistas do Ocidente andaram mergulhados no pânico. Na segunda-feira, 19 de outubro, a Bolsa de Valores de Wall Street, em Nova York, sofreu a maior queda de sua história, perdendo 22,62% ou 508 pontos do índice Dow Jones, um tombo duas vezes superior ao da "terça-feira negra" (29 de outubro) de 1929 - o **crash** (queda vertiginosa) de 12,8% que precedeu e anunciou um dos mais dramáticos períodos de depressão econômica do capitalismo (veja o box).

O desastre estendeu-se imediatamente a outros campos do planeta. Em Londres, a bolsa recuou 10,1%, em Paris 9,7%, em Frankfurt 7,6%, em Milão 40,47%, e em Hong Kong, depois de uma redução não menos espetacular, os negócios foram suspensos por uma semana. Mesmo na terça-feira, dia 20, apesar da leve recuperação dos preços em Wall Street, as perdas continuaram em Londres (acumulando 21,7%) e alcançaram Tóquio (menos 15%). Sobrou inclusive para o inexpressivo mercado acionário brasileiro, com o Bovespa declinando 5,8% na segunda e 16,1% na terça-feira.

Somente no dia 19 o valor dos títulos e ações transacionados em Wall Street registrou uma desvalorização estimada em mais de 500 bilhões de dóla-

res (o equivalente a cinco dividas externas brasileiras), quantia que evolui para 800 bilhões de dólares quando acrescida dos prejuízos em outras bolsas do mundo. No Japão, dia 20, a depreciação dos valores comercializados em bolsas chegou a 400 bilhões de dólares. "Foi um verdadeiro Chernobyl financeiro", vaticinou o presidente da bolsa de Wall Street, John Phelan. "Até mesmo os exercícios hipotéticos de catástrofes que regularmente fazíamos foram superados", acrescentou.

Nos dois dias seguintes, o pânico foi parcialmente contido. O governo dos Estados Unidos e outros países intervieram para conter a queda do dólar e rebaixar os juros, as grandes empresas recompraram em massa suas ações e, em consequência, as bolsas subiram, recuperando metade das perdas infringidas no dia 19. Porém, já na quinta registraram quedas. Ninguém ousa dizer que o furacão passou. A falta de confiança é generalizada.

Final, o que provocou o **crash** em Wall Street? Uma explicação, a mais simples, que tem sido levantada pelos analistas do mercado acionário, aponta como causa básica a própria necessidade de ajustamento dos valores negociados nas bol-

sas à realidade econômica. Ocorreu um movimento de alta das ações nos Estados Unidos praticamente desde agosto de 1982, e nos últimos meses seus preços estavam bem acima dos ativos e lucros das empresas, ou seja, eram fictícios e subiam apenas como resultado do jogo e da especulação. Uma hora ou outra viria a queda.

Por sua vez, os especuladores aceleraram a corrida no sentido de realizar os lucros do período de alta, ampliando a oferta de ações e desequilibrando o mercado. Na verdade, o ajustamento através das baixas já vinha ocorrendo. A semana que precedeu o dia 19 registrou um declínio superior a 9% nos valores negociados e com o **crash** de segunda-feira houve uma queda acumulada de 37% sobre o pico de ascensão da bolsa em Wall Street, observado no dia 25 de agosto.

A necessidade de um ajustamento do mercado é fator de inegável importância, mas, por si só, insuficiente como explicação, mesmo porque o desequilíbrio proveniente da falsa euforia e de uma especulação desenfreada já denunciava uma perturbação mais preocupante. O epicentro é a crise sem retorno da economia norte-americana, que arrasta consigo todos os alicerces da ordem econômica implantada no pós-guerra.

Há quase cinco anos, desde 1982, a economia dos EUA vem apresentando índices de crescimento. Se bem que isto justifique, em certa medida, a euforia e a especulação nas bolsas, na realidade é um desenvolvimento que se dá dentro de um contexto maior de decadência, de crise estrutural cuja proporção é hoje incalculável e que se agravou com o crescimento (mais próprio, talvez, seria caracterizá-lo de inchaço econômico).

Apesar da incredulidade do senhor Ronald Reagan (ao ser informado do **crash** em Wall



O pânico se instala diante de números mais dramáticos do que os de 1929.

Como funciona a bolsa

A Bolsa de Valores constitui um mercado onde se negociam títulos e ações de empresas com capital aberto. O comprador de ações adquire direitos sobre a propriedade de determinado capital, enquanto, por outro lado, a empresa passa a dispor dos novos recursos oriundos de venda de suas ações, utilizado de expansão de seus negócios.

Com essas características, a bolsa desempenha em boa medida as funções próprias de um banco, atraindo capital ocioso na sociedade para investimentos e expansão de empresas teoricamente com carência de recursos. As ações dão direito à participação em uma parcela de lucros (os dividendos), neste sentido equivalendo aos juros bancários.

A instrução teve um grande desenvolvimento desde o século XVIII, mas ganhou de fato uma qualidade nova a partir de 1985, com o crescimento do número de empresas organizadas como sociedades por ações. Desde então, tornou-se um importante instrumento de fundamental importância para o sistema capitalista.

A bolsa em geral acompanha os movimentos cíclicos do sistema - de expansão e crise. As oscilações das ações decorrem de vários fatores, como oferta e procura, magnitude dos dividendos, situação econômica mais geral, bem como a especulação e o jogo.

A acumulação e valorização das ações refletem movimentos reais de acumulação do capital (de empresas automobilísticas, têxteis, químicas, metalúrgicas, etc), expressando a ampliação do processo de reprodução do sistema. Contudo, como títulos negociáveis por si mesmos - circulando como se fossem mercadorias - possuem autonomia e são ilusórios. O valor pode variar sem depender, por nada, do movimento real da produção. E é o que acontece com o movimento especulativo e efetivamente ocorreu em Wall Street e outros lugares nos últimos cinco anos. A bolsa é muito sensível às oscilações do sistema bancário, caindo com a subida dos juros e com a retração dos créditos, quando os detentores de ação são forçados a vendê-las para obter dinheiro.

BOLSAS DO EXTERIOR — Índices							
LOCAL	14/10	15/10	16/10	19/10	20/10	21/10	sema
AMSTERDAM	301,9	290,3	299,7	268,0	245,5	255,8	-15
BRUXELAS	4.972,00	4.989,44	4.808,85	4.303,42	4.282,68	—	—
BUENOS AIRES	3.803	3.803	3.403	3.090	3.128	3.149	—
ESTOCOLMO	990,2	978,3	966,1	904,3	840,9	885,5	-10
FRANKFURT	1.946,9	1.902,6	1.876,6	1.744,1	1.669,4	1.780,3	-8
HONG KONG	3.844,48	3.828,64	3.783,20	3.362,39	—	—	-10
JOHANNESBURGO	2.727,0	2.734,0	2.745,0	2.804,0	2.474,0	2.440,0	-10
LONDRES	1.834,7	1.812,9	—	1.829,2	1.439,2	1.527,3	-16
MADRI	316,13	310,22	307,53	302,51	285,16	280,24	-11
MILAO	912	923	910	853	815	847	-7
NOVA YORK	2.412,70	2.365,09	2.246,74	1.738,41	1.841,01	2.027,85	-15
PARIS	340,13	326,48	332,41	312,14	306,44	305,27	-10
SIDNEI	2.184,9	2.148,4	2.144,9	2.054,7	1.550,4	1.568,9	-28
TOQUIO	26.646,43	26.428,22	26.366,74	26.366,74	21.910,08	23.947,40	-10
TORONTO	3.719,47	3.674,85	3.598,58	3.291,80	2.977,31	3.426,18	-7
ZURIQUE	638,4	632,3	629,5	558,2	541,2	567,7	-11

O mercado acionário tornou-se altamente especulativo.

Em 1929, o anúncio da depressão

O **crash** do dia 21 resuscitou na mente dos capitalistas uma lembrança terrível: a "terça-feira negra", 29 de outubro de 1929, que desabou como uma bomba sobre a Bolsa de Valores de Wall Street. Naquele dia, o valor das ações despencou mais de 12%, espalhando o pânico e o desespero. Não se pode dizer que agora a história se repete, pois na verdade o capitalismo mudou muito, o Estado hoje tem um poder de intervenção na economia incomparavelmente maior mesmo os mecanismos de controle das bolsas evoluíram. Não obstante, as semelhanças são muitas.

Antes da queda, a bolsa de Nova York conheceu um período (que durou cerca de três anos) de euforia especulativa, fazendo com que as ações pulassem de um índice de 100 em 1926 para 216 em 1929. O valor dos papéis já estava completamente desgarrado dos lucros das empresas e já em 12 de junho de 1928 houve um início de pânico, com a venda de 5 milhões de ações forçando a baixa.

caem, os bancos efetuam compras maciças. Na segunda, dia 28, deu-se uma nova baixa e, enfim, a terça-feira, 29, foi trágica: 33 milhões de títulos foram oferecidos à venda. A queda prosseguiu até 1933 e o valor do capital cotado entre 1929 a 33 sofreu uma queda brutal. O presidente Hoover, republicano, como Reagan hoje dizia que não havia motivos para desespero e que tudo ia bem na economia.

Entretanto, a depressão se instalou, em profundidade, durante até 1933. A produção industrial caiu 50%, o

investimento bruto na economia desceu de 16 bilhões de dólares em 1929 para 1 bilhão de dólares em 1932, o desemprego atingiu 27% da população economicamente ativa, o que em 1933 representou 13 milhões de trabalhadores sem trabalho. A quebraadeira foi generalizada, o número de suicídios cresceu assustadoramente. A depressão não demorou a se transmitir ao resto do mundo, mas os EUA saíram dela para conquistar o posto de primeira potência econômica do planeta. Agora a situação é outra, e bem diversa.



A crise foi transmitida a todo o mundo.

No início de outubro de 1929 também foram registradas baixas brutais. No dia 14, quinta-feira, o pânico eclode, com a venda de mais de 13 milhões de ações. Os preços

prelúdio de algo muito pior: uma nova depressão.

Embora os juros tenham recuado levemente, depois de sucessivas altas em decorrência da intervenção dos governos imperialistas (particularmente o dos EUA) a partir de terça-feira, 20, a tendência é outra. O próprio caráter da crise norte-americana empurra as taxas para cima. E isto significará novos e pesados encargos sobre a dívida externa brasileira, já que cada ponto percentual de aumento dos juros

(prime, dos EUA, e libor, inglesa) requer uma transferência extra de recursos da ordem de 800 milhões de dólares por ano.

Pode-se esperar, ainda, o recrudescimento do protecionismo ianque. "O mercado americano, onde colocamos um terço dos nossos produtos, vai-se fechar, o protecionismo vai crescer", admitiu o diretor do grupo, Romi - grande exportador brasileiro de máquinas e ferramentas. Finar Kok

res. Como resultado, o endividamento externo cresce a um ritmo assustador e, segundo as últimas contas, está atualmente em torno de 400 bilhões de dólares.

Dessa forma, os EUA transformaram-se em um verdadeiro supermercado mundial, consumindo mercadorias e serviços de todo o mundo e em volume bem superior ao que sua economia tem capacidade de garantir (o déficit comercial equivale, em valor, a quase duas vezes a dívida externa brasileira). O badalado crescimento, portanto, alicerça-se basicamente em recursos estrangeiros. Só atraindo-os tem sido possível financiar as dívidas. Tal dependência agrava as anomalias do sistema, compromete a competitividade das multinacionais ianques, amplia o parasitismo, multiplica as pressões protecionistas e o bombardeio sobre o dólar.

Ocorre no momento, por uma série de razões, que os capitalistas estrangeiros também não se mostram atraídos por oportunidades de investimentos nos EUA. Afinal, um dia a casa cai. Os ingressos de recursos externos estão caindo drasticamente, patenteando o artificialismo do atual crescimento econômico e precipitando o desabamento das ações (tornou-se difícil manter o otimismo).

Fato notado, aliás, até mesmo pelo insuspeito Delfim Netto, ex-ministro da ditadura militar. "O que houve, acho, foi apenas um sintoma da realidade", disse, acrescentando: "Durante anos, o mundo financiou a política econômica desastrosa do presidente Reagan. Durante anos, os Estados Unidos absorvem recursos mundiais gigantescos. Este ano, por exemplo, o déficit comercial americano é pouco menos do que um PIB brasileiro. O **crash** é a manifestação de que o mundo disse basta a isto".

O ajuste de contas norte-americanas vem sendo protegido o máximo possível pelo governo. Sabe-se que será doloroso. Somente para equilibrar a balança comercial é preciso provocar uma redução do consumo (das empresas e da população) da ordem de quase 200 bilhões de dólares anuais. Uma profunda depressão parece simplesmente inevitável e o **crash** tornou-se uma possibilidade mais presente, pois sem dúvidas comprometerá os níveis de investimentos e consumo. Ao mesmo tempo, é tão grandiosa a crise que fica difícil imaginar uma solução que não implique um remanejamento radical do atual status quo do imperialismo, com o deslocamento dos EUA da posição de potência de primeira grandeza para a segunda ou terceira categoria. (Humberto Martins)

Tribuna Operária

Semanário Nacional

Faca já sua assinatura e ajude a imprensa operária que luta pela liberdade e pelo socialismo

Anual (52 edições) Cz\$ 1.560,00
Anual popular (52 edições) Cz\$ 780,00
Semestral (26 edições) Cz\$ 780,00
Semestral popular (26 edições) Cz\$ 390,00
Anual para o exterior (em dólares) US\$ 70

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____
Cidade: _____ CEP: _____
Estado: _____
Profissão: _____
Data: _____
Recorte este cupom e envie junto com cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda
Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista — S. Paulo
CEP: 01318

Efeitos sobre a economia brasileira

A catástrofe da bolsa em Nova York poderá abalar ainda mais a saúde do modelo econômico dependente vigente no Brasil. Aliás, o acontecimento já contribuiu fortemente para a queda do nosso mercado acionário, embora não constitua a única explicação do fato.

Não há dúvidas de que o pano de fundo do **crash** em Wall Street é a grave crise de caráter estrutural que assola a economia ianque. E poucos são os que duvidam de que o estouro da bolsa constitui um

Fundação Maurício Grabois

VOTO AOS 16 ANOS

A UJS vai à luta e chega à vitória

Até mesmo entre aqueles que acompanham diariamente os trabalhos da Constituinte houve quem se surpreendesse no último dia 16, ao saber que a Comissão de Sistematização aprovava pela folgada maioria de 58 votos a 22 o direito de voto aos maiores de 16 anos. Embora a comissão esteja se caracterizando por reverter ao menos parte das posições reacionárias que predominam nas primeiras fases dos trabalhos constitucionais, poucos acreditavam que ela pudesse consagrar a medida, que uma vez referendada em plenário permitiria incorporar ao eleitorado um contingente de 8 milhões de jovens até agora marginalizados das decisões políticas por

nossas estruturas eleitorais retrógradas.

Basta conhecer, contudo, o trabalho persistente e habilidoso desenvolvido por um grupo de militantes da União da Juventude Socialista (UJS) junto aos membros da comissão para perceber que o resultado não foi casual. No último dia 22, Apolinário Rebelo, Rovilson Brito e Flávio Vilar, três dirigentes da entidade relataram em detalhes à **Tribuna Operária** como se desenvolveram estes trabalhos, que incluíram desde a pressão ostensiva até o convencimento individual dos deputados, e que servem de exemplo a outros setores populares dispostos a fazer valer seus direitos na Constituinte.

Embora a UJS já tivesse procurado influir na Assembleia desde as fases de funcionamento das Subcomissões e Comissões Temáticas, sem obter qualquer vitória expressiva, sua direção soube perceber que um resultado a princípio frustrante poderia ser totalmente revertido durante os trabalhos da Comissão de Sistematização. Pensando assim, um punhado de militantes da entidade, vindos de diferentes regiões do país, desembarcou no início de setembro em Brasília, e passou a desenvolver insistentes contatos com as bancadas dos partidos progressistas. PCdoB, PDT, PT e o Movimento de Unidade Progressista do PMDB deram já nesta fase seu apoio à tese do voto aos 16 anos.

Animada com a primeira vitória, a UJS comemorou em alto estilo. No dia 24/9, os salões que dão acesso ao plenário da Câmara eram invadidos por cerca de 80 jovens que gritavam refrões e que comemoravam o terceiro aniversário de sua entidade oferecendo aos parlamentares fatias de um grande bolo, pesando mais de 40 quilos, sobre o qual estava gravada em letras de **creme chantilly**, a reivindicação da juventude: Voto aos 16 anos. "A manifestação foi ruidosa, e sem dúvida quebrou o protocolo parlamentar, mas serviu para anunciarmos que estávamos de olho nos trabalhos da comissão, e que iríamos procurar influenciá-los", afirma Apolinário Rebelo.

Nesse mesmo dia começavam as reuniões finais e decisivas da Comissão de Sistematização. Os diretores da UJS vasculharam seus cadernos, fizeram e refizeram contas e verificaram que contavam com o apoio de 20 dos 93 membros da comissão. Faltavam exatamente 27 para alcançar a maioria.

A conquista destes votos exigia por certo uma atuação menos barulhenta e para desencadeá-la a diretoria da UJS decidiu manter em Brasília pelo menos 20 dos militantes que haviam se deslocado para participar da festa de aniversário. Nos dias seguintes estes militantes dedicaram-se ao persistente trabalho de percorrer um por um os gabinetes dos membros da Comissão de Sistematização e de apresentar silenciosa e pacientemente a cada deputado os argumentos principais a favor do voto aos 16 anos.

"Foi uma ação criteriosamente organizada", lembra Rovilson Brito, ressaltando que a entidade procurou em primeiro lugar os líderes das alas dos partidos. Os contatos com os senadores José Richa e Fernando Henrique mostraram-se proveitosos. E foi possível até mesmo contornar a oposição do deputado Euclides Scalco, líder interino do PMDB. Depois de uma longa conversa, Scalco comprometeu-se a não "fechar questão" nem pressionar os membros de sua bancada a votarem contra a pretensão da UJS. No esforço pelo convencimento individual dos deputados, a UJS soube conquistar até mesmo o apoio de um grupo de parlamentares progressistas. Era comum ver os deputados Hermes Zanetti



Flávio, Apolinário e Rovilson: eles coordenaram a luta em Brasília

(PMDB-PR), autor do projeto, Haroldo Lima (PCdoB-BA), Paulo Delgado (PT-MG), Nelson Friederich (PMDB-PR), Uldorico Pinto (PMDB-BA) e Rose de Freitas (PMDB-ES) abordando colegas no decorrer das sessões mais concorridas, e contabilizando numa pasta cinza com o timbre da entidade os apoios que iam obtendo.

Um cálculo realizado no dia 8 de outubro permitiu verificar que já havia entre os titulares da comissão 51 favoráveis ao voto aos 16 anos. Vinte e quatro votos haviam sido conquistados em 15 dias. Mas era necessário consolidar essa

maioria através de uma atuação firme quando a matéria fosse colocada em votação.

E assim foi feito. No dia 16 a UJS reuniu, depois de intensa convocação, quase 100 membros que atuaram com entusiasmo nas galerias da Câmara. No plenário, onde a Sistematização realiza suas sessões, cinco diretores da entidade improvisaram, com o apoio da deputada Rose de Freitas, uma "Boca de urna" para convencer os indecisos. As duas ações, coordenadas, trouxeram mais um punhado de votos, e por fim a vitória.

(Antonio Martins)

COMISSÃO DE SISTEMATIZAÇÃO

Avanços consagrados

Importantes conquistas democráticas foram obtidas nas votações da semana passada na Comissão de Sistematização da Assembleia Nacional Constituinte, numa comprovação de que essa etapa dos trabalhos constitucionais está sendo positiva no sentido de aperfeiçoar o Projeto de Constituição a ser votado pelo plenário da Assembleia.

Uma das vitórias mais importantes foi a aprovação de um destaque de autoria do constituinte Geraldo Campos (PMDB-DF), consagrando o princípio da unicidade sindical. Com isso, assegurou-se no substitutivo a unidade da classe operária e dos demais trabalhadores, derrotando-se a tese dos que pretendiam impor a divisão dos trabalhadores através do pluralismo sindical. Esse resultado foi conseguido em duas etapas. Na primeira, derrotou-se um destaque do líder do PT, Luís Inácio Lula da Silva que, apesar de alguns pontos positivos, como as comissões de fábrica, consagra o pluralismo sindical. O destaque foi rejeitado por 83 votos contra apenas cinco. Votaram a favor do pluralismo sindical os deputados Luís Iná-

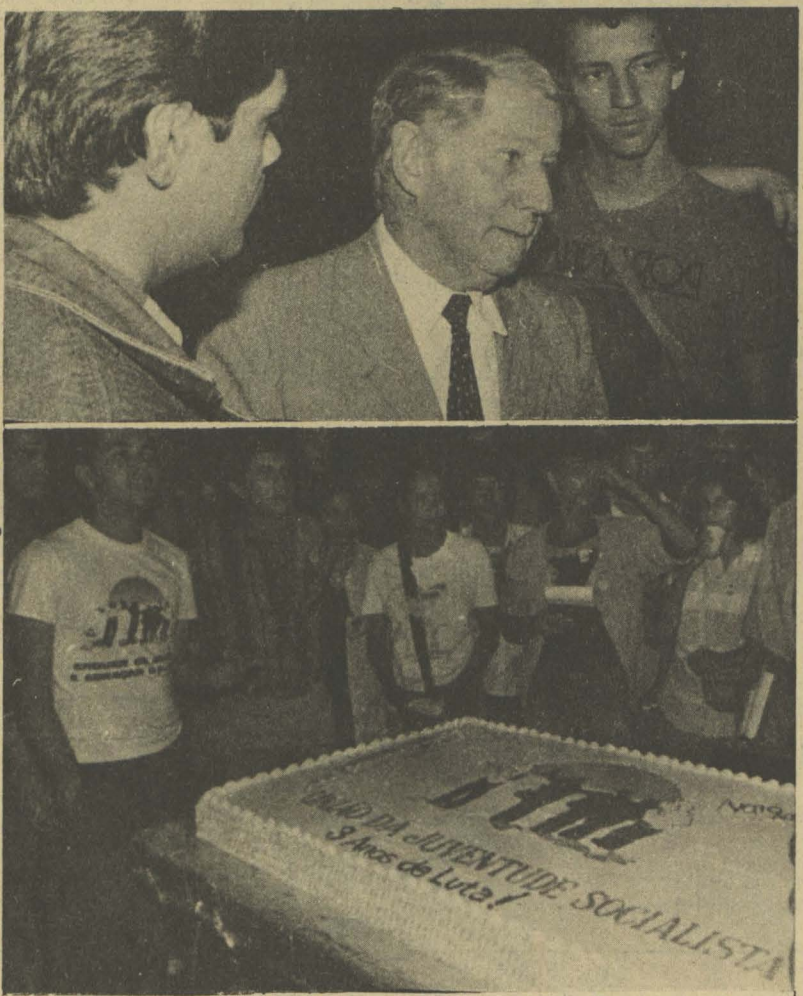
cio Lula da Silva e Plínio de Arruda Sampaio, do PT, e Brandão Monteiro, José Maurício e Lysâneas Maciel, do PDT. Numa segunda etapa, foi colocado em votação o destaque de Geraldo Campos que, ao contrário de Lula, garantia o princípio da unicidade sindical. O destaque foi aprovado por 63 votos contra 19. (leia Opinião Parlamentar, na página 4).

A vitória da unicidade sindical foi fundamental para garantir a unidade da classe operária e dos demais trabalhadores. Ainda no terreno dos direitos sociais, a Comissão de Sistematização aprovou o direito de greve, embora com restrição que determina sejam os abusos cometidos sujeitos às penas da lei, e aprovou um dispositivo que prevê que as empresas com mais de 50 empregados devem ter um mínimo de 10% de empregados maiores de 45 anos de idade, consituindo-se numa importante conquista para garantir mercado de trabalho para os trabalhadores de mais idade. Esse destaque, de autoria do deputado José Lins, do PFL, foi aprovado por 47 votos contra 37. O destaque que pretendia suprimir do

texto constitucional a restrição ao direito de greve, acabou sendo rejeitado por 65 votos contra 23. Igualmente o destaque que pretendia incluir no texto do relator o direito à formação de comissões de fábrica foi rejeitado por 45 votos contra 31, com o voto contrário dos "progressistas" Egydio Ferreira Lima, Antonio Brito, José Inácio Ferreira Pimenta da Veiga e Euclides Scalco.

No terreno dos direitos políticos, uma importante vitória obtida foi a aprovação do voto facultativo aos maiores de 16 anos, a través do destaque solicitado pelo deputado Hermes Zanetti. (Ler reportagem nesta página). Finalmente, em relação aos partidos políticos, graças a um vitorioso acordo de lideranças, aprovou-se um texto mais democrático do que originalmente contido no segundo substitutivo, garantindo a ampliação da liberdade de organização partidária. Foi uma votação confusa e bastante tumultuada, que ocorreu em quatro etapas distintas até se chegar ao novo texto. Pelo que foi aprovado, é livre a criação, fusão e incorporação de partidos políticos que adquiriram personalidade jurídica mediante o registro dos seus estatutos no Tribunal Superior Eleitoral, é assegurado aos partidos completa autonomia para definir sobre sua estrutura interna, organização e funcionamento e garantido o acesso gratuito ao rádio e TV. O único ponto negativo do texto foi a inclusão de um parágrafo dizendo que o funcionamento parlamentar dos partidos depende de lei, o que ficou pouco claro e definido. De qualquer maneira, o texto aprovado foi uma importante conquista democrática e garantiu uma relativa liberdade partidária no país.

Moacyr de Oliveira Filho, de Brasília)



UJS uniu a pressão ostensiva ao trabalho paciente do convencimento

LUTAS PELA TERRA

O latifúndio perde uma

Nos últimos dez dias a região do Vale do Mearim, no interior do Maranhão, foi palco de choques armados entre posseiros e latifundiários, pistoleiros e policiais. Em quatro conflitos ficou o saldo de oito mortos e sete feridos. Entre as vítimas fatais estão seis pistoleiros, um fazendeiro e um policial. Entre os feridos, um lavrador e seis jagunços.

O primeiro choque ocorreu no município de Lima Campos, envolvendo 35 famílias de lavradores que moram no local há mais de 50 anos e que vem resistindo à violência do pretenso proprietário da terra, Chico Messias, da fazenda Riachuelo. A área foi desapropriada pelo governo, mas a Justiça Federal deu liminar em favor do fazendeiro que, a partir daí, investiu desesperado para expulsar os camponeses.

Na semana passada, após várias truculências dos jagunços, houve a reação dos lavradores no povoado de São José dos Mouras. Resultado: a morte de três pistoleiros e um policial. Os latifundiários da região fizeram grande alarde do incidente mas graças à pressão de diversas entidades democráticas, religiosas e de parlamentares, o delegado de polícia da Lima Campos foi exonerado. Ele foi punido por permitir a ação de policiais sem ordem judicial.

ARROGÂNCIA FATAL

Dois dias depois, outros dois graves conflitos ocorreram nos povoados Centro do Ludovico

e Bacabalzinho, no município de Bacabal. Novamente foram conseqüência das arbitrariedades de pretensos proprietários. Estes tentaram cercar terras de lavoura e coleta de babaçu de posseiros que há mais de 60 anos moram e trabalham nestes povoados.

No Centro do Ludovico, o grileiro e vice-presidente da UDR da região, Raimundo Cutrim, teve um pistoleiro morto e um gravemente ferido quando tentavam cercar as terras. Em Bacabalzinho, o pecuarista, latifundiário e grande comerciante, Gerson Sales, investiu várias vezes para cercar 80 hectares de lavouras e jogar capim. As 51 famílias que trabalham no local tentaram fechar um acordo com o fazendeiro para garantir a roça do ano. Irredutível, Gerson Sales colocou uma cerca, guardada por cinco jagunços. Nem mesmo aceitou a proposta de intermediação do governo.

No esforço de negociação, os lavradores foram até o local junto com o fazendeiro. Lá chegando, um dos pistoleiros atirou na cabeça de um trabalhador - que ficou ferido. Os camponeses reagiram e na troca de tiros tombaram mortos o latifundiário Gerson e dois jagunços. Três pistoleiros ficaram feridos. No mesmo final de semana, outro conflito, em Croatá, resultou em dois jagunços feridos.

DEMAGOGIA DA UDR

Diante dos acontecimentos, a UDR de Bacabal iniciou, cinicamente, uma campanha contra a violência. Através dos

meios de comunicação, exigiu medidas enérgicas do governo e a intervenção armada da polícia. Chegou até a chamar os fazendeiros da região de covardes, incitando-os a pegar em armas para expulsar os posseiros. O governo do Estado, acuado pelas forças democráticas, não atendeu a UDR.

Desmascarados e derrotados, o presidente e vice-presidente da UDR - José Vieira Lins e Raimundo Cutrim - renunciaram aos seus cargos. Em carta-aberta, afirmaram que a UDR estava extinta na região e repetiam as palavras de Ronaldo Caiado, presidente nacional da organização terrorista: "Em terra de covarde não deve existir a UDR".

Todos esses fatos envolveram intensamente os 15 municípios da região e repercutiram em todo o Estado. Através da imprensa, notadamente da rádio Jandira, de propriedade do vice-governador João Alberto, os latifundiários tentaram se passar por vítimas.

Oficialmente o Maranhão apresenta mais de 200 conflitos agrários que se agudizam a cada dia. Estes já causaram, em 1986, mais de 180 mortes de lavradores. Até hoje nenhum pistoleiro ou mandante foi julgado ou preso. É como afirma uma velha camponesa de 65 anos: "Quando morre um lavrador, um pai de família, é como se estivessem matando um cachorro. Nada acontece. Mas quando morre um desses bichões que faz toda perseguição e miséria, aí parece que o mundo vai vir abaixo".



CASO FONTELES

PCdoB acusa acobertamento

A direção regional do PCdoB do Pará, preocupada com a extrema morosidade com que é conduzido o inquérito instaurado para identificar os responsáveis pelo assassinato do advogado Paulo Fonteles, enviou uma carta aberta ao governador do Estado fazendo graves acusações e solicitando enérgicas providências.

A carta lembra que, decorridos mais de quatro meses da execução do crime, nenhum dos responsáveis foi sequer detido, e isso apesar de terem sido identificados com provas tanto o autor dos disparos (Antonio Pereira Sobrinho)

quanto o motorista que o conduzia (Oswaldo Pereira) e o intermediário da ação (João Vita Lopes).

A seguir os comunistas afirmam que embora tenha sido decretada prisão preventiva para estes elementos, "não temos conhecimento de qualquer medida que a Polícia Federal, a Polícia ou o próprio Ministério da Justiça tenha tomado para prender os executores do assassinato". Ressalta a seguir que a prisão desses indivíduos poderá comprovar o envolvimento de poderosos latifundiários vinculados a UDR, como o sr. Joaquim

Fonseca, patrão de João Vita Lopes.

O diretório regional do PCdoB conclui que nada indica que os órgãos ligados ao governo federal estejam interessados na elucidação do crime. "Não é por acaso - afirma - que apesar de centenas de assassinatos não há qualquer mandante na cadeia; não é por acaso que o Plano Nacional de Reforma Agrária está completamente paralisado e que a UDR, criada para impedir a concretização desse plano a ferro e fogo, é um dos interlocutores preferidos do governo Sarney para discutir a política agrícola".

PARLAMENTARISMO X PRESIDENCIALISMO

Debate reúne mais de mil

Mais de 1.000 pessoas compareceram, no último dia 15, no Rio, a um debate entre parlamentarismo e presidencialismo, em mais uma demonstração de que a discussão a respeito dos temas constitucionais mais importantes pode atrair amplos contingentes populares, desde que realizada de forma competente.

O evento do Rio, promovido

pelo Instituto de Pesquisa e Análise Social - IAPAS - teve a participação de figuras de projeção na vida política nacional ou carioca. Em defesa do parlamentarismo falaram o constituinte Eduardo Bonfim (PCdoB-AI) e a deputada estadual Heloneida Studart (PMDB); a favor da manutenção do presidencialismo, opinaram os constituintes Vladimir Palmeira (PT-RJ) e César

Maia (PDT-RJ). Além disso, o debate foi realizado num palco que abriga tradicionalmente manifestações e debates democráticos, a sede da Associação Brasileira de Imprensa.

O deputado Eduardo Bonfim, bastante aplaudido, lembrou que em 100 anos de regime presidencialista o Brasil teve 19 golpes de Estado e apenas 15 anos de democracia.

Uma estranha ABDD

A direita se agita

Atrás de um nome inócuo como Associação Brasileira de Defesa da Democracia (ABDD), vai se revelando uma conspiração de direita envolvendo dezenas de oficiais da ativa, em grande parte ligados aos órgãos de informação. A ABDD veio à tona no último dia 7, através de uma conferência no Clube da Aeronáutica, no Rio, onde compareceram personalidades como os generais Euclides Figueiredo e Coelho Neto, os brigadeiros Marcio de Melo e Souza e Paulo Burnier, além do ex-ministro Armando Falcão.

A ABDD foi fundada oficialmente em 1985, com 45 sócios, sendo 31 militares, dos quais 21 da ativa, contrariando abertamente o regulamento disciplinar. Mas, pelo que se sabe, nenhuma punição foi dada aos faltosos e nem se cogita qualquer coisa neste sentido. Alguns, bem humorados certamente, chegaram a falar em punição de "caráter reservado" - deve ser porque a entidade serve de anteparo para as atividades clandestinas dentro das Forças Armadas.

Revela-se agora que a fundação da entidade apresenta algumas curiosidades. Os oficiais camuflaram grotescamente suas ligações com as Forças Armadas colocando como profissões coisas como professor, técnico em organização e métodos, veterinários, etc. E os endereços da maioria são fictícios. Um deles, por exemplo, mora no quarto andar de um prédio que só tem três pavimentos! Mas afinal, como é para enganar os colegas dos órgãos de repressão, que não estão querendo saber de nada,



Euclides Figueiredo e Márcio Melo, na primeira fila

vale qualquer coisa.

As ramificações da articulação chegam ao empresariado. Ingo Hering, das indústrias Hering, aparece como contribuinte. Segundo ele próprio, há dois anos paga uma mensalidade. Mas "não se recorda o valor" - ou tem muito dinheiro ou está mentindo, como seus coleguinhos de profissão trocada. O vice-presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, também consta como colaborador. Entre os colaboradores "intelectuais" que escrevem assiduamente artigos no boletim "Pontos de Vista", da ABDD, estão o senador e coronel Jarbas Passarinho e o cardeal Vicente Scherer.

SOFRER MAIS

Por coincidência na mesma época em que a entidade resolveu aparecer à luz do dia, o general Figueiredo divulgou o seu manifesto, conclamando a uma esquisita união nacional para defender a democracia - não é esquisita esta palavra democracia na boca desta figura?

Coube ao general Coelho

Neto dar a pista para a movimentação dos viúvos do regime militar. Ele assinalou que, no rumo que as coisas marcham, é previsível uma intervenção das Forças Armadas. Mas, para isto, disse ele, "o povo ainda precisa sofrer mais". Em outras palavras, a direita deposita suas esperanças no agravamento das condições de vida do povo, a tal ponto que se crie um clima de desespero e a possibilidade das massas se iludirem, ao menos temporariamente, com a demagogia popular dos fascistas.

Na Constituinte, este tipo de atividade tem correspondência com atitudes desesperadas de alguns líderes reacionários. Por exemplo, na semana passada o sr. José Lourenço, num flagrante desrespeito às normas democráticas, rasgou o projeto de Constituição que está sendo votado na Comissão de Sistematização. Não podia haver confissão mais descarada do pensamento golpista - aliás este gesto tem sido repetido ao longo de nossa história por sucessivas intervenções militares.

Vitória da unidade

A classe operária brasileira e os demais trabalhadores tiveram uma importante vitória, na semana passada, com a aprovação pela Comissão de Sistematização da Constituinte, de um destaque de autoria do deputado Geraldo Campos (PMDB-DF) garantindo o princípio da unidade sindical. A manifestação favorável de 63 constituintes contra apenas 19 que defendiam o pluralismo sindical foi uma demonstração inequívoca de que a unidade da classe operária é a chave para a sua vitória. Antes da aprovação desse destaque, os constituintes do PT que absurdamente defendem o pluralismo sindical tentaram, de maneira estreita, sectária e abertamente divisionista a aprovação de um destaque de autoria do constituinte Luiz Inácio Lula da Silva, que, apesar de alguns aspectos positivos, como a comissão de fábrica, por exemplo, incluía o princípio do pluralismo sindical. O destaque foi rejeitado pela esmagadora maioria da Comissão de Sistematização: 83 votos contra apenas 5.

Esses resultados foram importantes para consagrar o princípio da unidade sindical. É fundamental se perceber que, os que defendem o pluralismo sindical, encobrem, atrás de um argumento aparentemente progressista e independente, uma visão profundamente pernicioso para a classe operária e os demais trabalhadores, na medida em que incentivam a sua divisão. O pluralismo sindical, ao provocar a divisão de uma categoria em diferentes sindicatos, enfraquece o poder de

Opinião parlamentar

Edmilson Valentim
Deputado federal
PCdoB - RJ

pressão dos trabalhadores, dá margens a disputas entre diferentes sindicatos e, enfim, beneficia os patrões com a divisão da classe operária. A unidade sindical, ao contrário, fortalece o poder de luta e de negociação da classe operária na medida em que mantém unidos todos os trabalhadores de uma mesma categoria profissional. Como diz o ditado popular: a união faz a força.

Os defensores do pluralismo sindical equivocadamente argumentam que a unidade sindical representa um atrelamento dos sindicatos ao Estado, mais do que isso, insatisfeitos com a sua acachapante derrota, esses setores saíram dizendo que a Comissão de Sistematização simplesmente referendou a Carta del Lavoro do governo fas-

cista de Mussolini e utilizada como modelo sindical brasileiro. Nada mais falso do que essas afirmações. Na verdade, o texto aprovado pela Comissão de Sistematização consagra a liberdade e autonomia sindicais ao afirmar que "é livre a associação profissional e sindical" e, mais do que isso, que "a lei não poderá exigir autorização do Estado para a fundação de sindicato" e que "é vedada ao Poder Público intervenção ou interferência na organização sindical". Ou seja, esses três princípios garantem a plena liberdade e autonomia dos sindicatos em relação ao Estado, ao contrário que existe atualmente. Pelo novo texto, os sindicatos não precisam mais ser reconhecidos pelo Ministério do Trabalho ou por ele autorizados a funcionar. E o Estado fica constitucionalmente proibido de intervir ou interferir na estrutura sindical. Onde está o tal atrelamento dos sindicatos ao Estado? Na verdade, isso não existe. Ao confundirem unidade sindical com atrelamento ao Estado, determinados setores tentam enganar a classe operária mais uma vez. O princípio da unidade sindical, consagrado no novo texto constitucional, é uma grande vitória da classe operária diante daqueles que querem dividir a para beneficiar os patrões e os representantes do capital. A unidade aliada à liberdade e autonomia sindical agora conquistadas, certamente, servirão de um impulso ainda maior para as lutas da classe operária brasileira.

LLOYD BRASILEIRO

A luta contra a privatização

Os funcionários do Lloyd Brasileiro e as forças políticas comprometidas com os interesses nacionais travam uma importante luta contra a privatização desta empresa de navegação, a maior da América Latina. Os armadores estrangeiros - que já controlam 76,2% dos fretes marítimos - são os maiores interessados em adquirir o Lloyd. Os próprios diretores da estatal fazem tudo para desacreditar a empresa envolvendo-se em escândalos e até mesmo em casos de assassinatos.

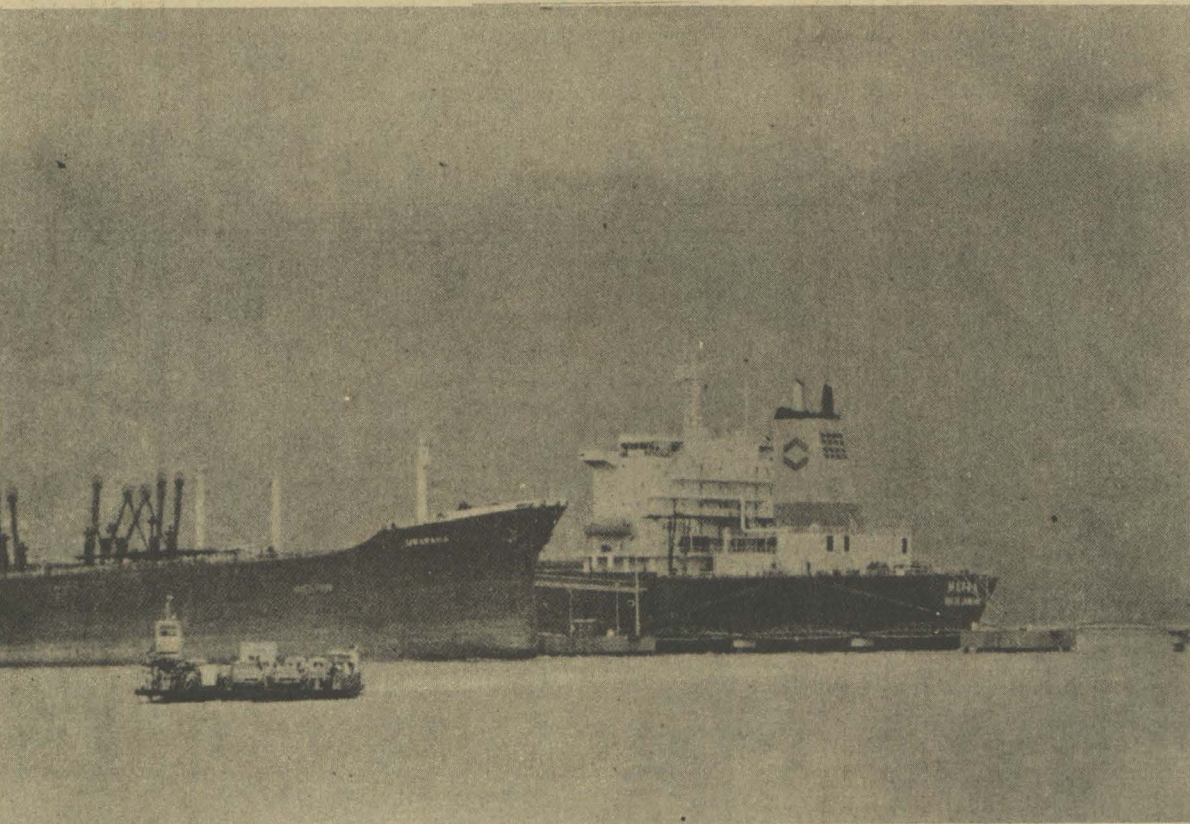
Há pouco mais de um mês nove funcionários da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro - Lloydbrás - foram demitidos sem nenhuma justificativa funcional. Foi uma decisão da diretoria da empresa, que atingiu três membros da Associação Geral dos Empregados do Lloyd (o presidente Carlos Maximiliano Monteiro, o primeiro secretário Carlos G. de Albuquerque e o procurador da AGELB, Luiz Alves Matheus), além de Carlos Alberto Ribeiro Boveri, reconhecido como um dos melhores técnicos de navegação da estatal.

Na verdade, o episódio representa um lance da poderosa campanha de privatização do Lloydbrás. Um objetivo pouco nobre e mal disfarçado, que vem sendo perseguido por todos os meios. Chantagem, ameaças, tentativas de suborno entre outros.

A QUEM INTERESSA?

Não são de hoje as pressões pela privatização do Lloyd, embora agora elas tenham se tornado mais intensas, contando com apoio velado do governo federal, e se desenvolvendo em condições aparentemente mais propícias, dado as sérias dificuldades financeiras da empresa.

As empresas estrangeiras de navegação são, de longe, as principais interessadas. Afinal, a estatal brasileira é a maior firma latino-americana do setor e detém uma fatia do transporte marítimo (de carga geral) realizado no país. Sua



Transporte marítimo: um negócio que movimenta bilhões de dólares e atrai a cobiça das multinacionais

participação é de 40,5% sobre a parcela do mercado que cabe às companhias brasileiras, ou o equivalente a 9,7% do total, uma vez que as multinacionais controlam 76,2%, um negócio que rende anualmente bilhões de dólares e contribui expressivamente na sangria de recursos para o exterior.

No entanto, os gringos não agem às claras. Quem aparece como propagandeadores da necessidade de desestatizar o Lloyd é sua atual diretoria em aliança com o capital privado nacional e isto tem o efeito de diluir o caráter desnacionalizante do processo.

Por isto, é bom atentar para uma observação feita por uma equipe de técnicos do governo federal encarregada de analisar a situação da empresa, alertando para "a predominância estrangeira na armação de carga geral do país e o risco de sua completa desnacionalização, pois, segundo é comentado no setor de armação, as demais empresas armadoras nacionais (além do Lloyd) têm o seu controle exercido por estrangeiros, através de acordos de acionis-

tas com sócios majoritários brasileiros".

JOGO SUJO

A demissão dos funcionários que lutam contra a privatização é uma demonstração de que a atual direção da empresa e os armadores privados estão dispostos a ir longe pelos seus propósitos. Mas não é a única. Recentemente o vice-presidente da AGELB, Celestino Figueiredo Campina, foi ameaçado de morte no Porto de Santos por duas pessoas, que enviaram um recado com o mesmo sentido ao presidente da associação.

O presidente da AGELB, Carlos Maximiliano, não apenas foi brindado com uma ameaça de morte. Os privatizantes tentaram neutralizar sua luta em defesa do Lloyd também por meio do suborno. Afirmando que estava autorizado pela Empresa de Navegação Aliança S.A. (particular), um tal Arquimedes Thurler (que, depois veio a se saber, está envolvido em vários casos de estelionato), junto com o advogado José Carlos Sécico,

propos a Maximiliano - bem como a todos os diretores da AGELB - a participação na transformação de venda do Lloyd. Em troca do apoio, ou neutralidade, da entidade, a direção receberia um percentual (passível de negociação) sobre o valor do negócio. A tentativa de suborno, fartamente comprovada e documentada, foi denunciada no 3º Distrito Policial do Rio de Janeiro.

Por sua vez, a diretoria da empresa procura fazer tudo para desacreditar a estatal, até mesmo com envolvimento pessoal em assassinatos e negócios ilícitos, como no caso da morte do empresário Márcio Rodrigues Schitini e dos favorecimentos em contratos de fretes marítimos promovidos pela direção do Lloyd. Entre outros, estão envolvidos o próprio presidente do Lloyd, Elmo Cerejo (amigo do ministro Antonio Carlos Magalhães), o ex-vice-presidente Davidson Meira - principais propagandeadores da privatização - e, entre outros, ainda o filho do superintendente da Snamman e um ex-comandante da Marinha Mercante.

PCdoB

Amélia é expulsa

Maria Amélia Teles, Terezinha Gonzaga e Maria de Lourdes Rodrigues, foram expulsas do PCdoB, por decisão unânime do Diretório Regional deste partido, por atividade antipartidária.

A Direção Regional realizou, por determinação do Diretório Nacional, uma averiguação detalhada e rigorosa das tentativas deste grupo de disseminar a desconfiança e a confusão entre os militantes, dos ataques sistemáticos às direções e da negativa em acatar as decisões partidárias.

Esta apuração foi feita por uma comissão que ouviu o depoimento de dezenas de militantes que pudessem contribuir para esclarecer a verdade. As próprias pessoas envolvidas puderam colocar livremente a sua versão dos fatos.

Depois de mais de 30 dias de trabalho incessante, a comissão apresentou um relatório rico em dados concretos, confirmando inteiramente a persistente conduta de sabotagem ao partido dos comunistas de Amélia e seus seguidores.

CINEMA ALBANÊS

Mostra cancelada

A mostra de cinema albanês programada para os dias 13 a 18 de outubro, no Centro Cultural São Paulo, foi simplesmente cancelada por esta instituição sob a alegação de defeitos técnicos na aparelhagem.

O que nos chama atenção nesse fato é que uma instituição como o Centro Cultural, com uma grande estrutura, com uma grande capacidade para desenvolver as mais diversas e variadas atividades culturais, além de ser o principal centro

Mesmo assim, cumprindo normas estatutárias, a Direção Regional convocou as três para apresentarem suas defesas. E o resultado foi uma saraivada de ataques raivosos aos comunistas, sem nenhuma argumentação política. Foi apenas uma demonstração cabal de um ódio de classe mortal ao PCdoB e ao proletariado.

No último dia 18 a Direção Nacional do PCdoB se reuniu e, após tomar conhecimento do relatório da comissão e da decisão do Diretório Regional, decidiu, por unanimidade, apoiar integralmente a expulsão destes inimigos da revolução. A discussão sobre tais acontecimentos será feita em todo o partido, com o intuito de fortalecer a educação revolucionária dos comunistas.

José Duarte, veterano dirigente comunista, apesar de adoentado, fez questão de comparecer à reunião do Diretório Nacional e manifestar sua defesa intransigente da unidade do partido. Os dirigentes do Partido se pronunciaram protestando contra as ofensas vergonhosas lançadas pelos fracionistas contra a vanguarda marxista-leninista do proletariado.

de cultura do município de São Paulo, tenha que suspender parte de suas atividades programadas e amplamente divulgadas por causa da falta de cuidado com a manutenção de um patrimônio que pertence em primeiro lugar ao povo do município.

Agora resta saber quando é que o Centro Cultural São Paulo vai reparar o seu erro e marcar uma nova data para a Mostra evitando que os paulistanos interessados em conhecer o cinema albanês continuem frustrados.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Uma exigência da revolução

“O marxismo está morto”, sentença presunçosamente um escriba da burguesia. “Visionários”, grita outro filósofo da modernidade, referindo-se aos comunistas. E por aí vai. Toneladas e toneladas de papel impresso, para todos os gostos, abarrotam as livrarias e bancas de jornal semeando a confusão, o descrédito e o pessimismo. Tudo isto faz parte da guerra de classes que se trava na sociedade, e que assume um papel cada dia mais importante no terreno da teoria e da propaganda.

DEFINIR OBJETIVOS

No Brasil, em particular, no momento atual, o proletariado precisa de instrumentos que o ajude a compreender a realidade e a definir os objetivos de suas lutas. Saímos de uma situação em que se tinha construído uma ampla frente política, que englobava setores importantes da própria burguesia e as massas populares, contra o regime militar. Agora, no quadro da Nova República, há uma diferenciação: cada camada toma o seu caminho. A burguesia, que depositava enormes esperanças num passeio tranquilo para uma época de paz e felicidade, cai no desespero, protesta, reclama, mas revela-se incapaz de adotar uma posição revolucionária. Os trabalhadores, diante deste quadro, ainda não conseguiram unificar suas fileiras. Não deixaram de lutar em defesa de seus interesses, mas ainda combatem de forma espontânea, sem um plano com alvos e prioridades bem definidas.

IMPRENSA OPERÁRIA

Cresce portanto, diante disto tudo, a importância de uma imprensa operária, que contribua na divulgação da teoria científica revolucionária, que ajude na sistematização das experiências de luta dos trabalhadores, que esclareça, nas batalhas imediatas, o futuro do movimento. Cresce a necessidade de instrumentos de agitação e propaganda que apontem as contradições do capitalismo, que se agravam brutalmente, e indiquem concretamente as tarefas no sentido de liquidar a exploração e conduzir o povo a um sistema superior, rumo ao socialismo e ao comunismo. Instrumentos que polemizam com as falsas concepções burguesas e, da mesma forma, com as idéias de frustração da pequena burguesia. Por estas razões, não poderíamos deixar de lembrar a importância do oitavo aniversário desta **Tribuna Operária**, cujo número 0 circulou em 16 de outubro e que passou a ser publicada regularmente a partir de 7 de novembro de 1979 - propositadamente na mesma data da grande revolução socialista de 1917 na Rússia. Nesta ocasião precisamos não apenas ressaltar o grande êxito de manter um jornal proletário nas condições em que vivemos. Mas, principalmente, chamar a atenção do muito que temos que fazer para colocar a **TO** à altura das necessidades do combate pelo socialismo. E para agradecer a colaboração de milhares de trabalhadores, assinantes, correspondentes voluntários e leitores, que têm possibilitado a vida do jornal.

NOVO PROJETO

Anunciamos, no início do ano, e discutimos em muitas edições, um ousado projeto de renovação da **TO**. Ainda não tivemos condições de dar este salto. Mas o fato de adiarmos a sua concretização não nos faz recuar da decisão tomada. A construção desta imprensa não é fruto do capricho de algumas pessoas e sim uma imposição da luta revolucionária. Com o apoio dos trabalhadores levaremos a cabo esta tarefa.

(Rogério Lustosa)

DE OLHO NO LANCE

Voto de elite

Votar é um dever cívico, obrigatório para todos os cidadãos, ou deve ficar na dependência da vontade de cada um? Imaginando que a liberdade é cada pessoa fazer o que bem entende, o PT batalhou na Comissão de Sistematização da Constituinte, para consagrar o voto facultativo. Perdeu. A quem interessa que o povo não vote, ou pelo menos que as camadas menos esclarecidas se omitam? - Porque ninguém se iluda, a burguesia não vai deixar de comparecer para sufragar nas urnas seus candidatos. Para que se mude a sociedade é indispensável que o povo se incorpore à luta política. E as eleições, embora não tenham o poder de realizar transformações revolucionárias, permitem aos trabalhadores debater os problemas nacionais e fazer a sua experiência. Nos Estados Unidos o voto é facultativo. Em 1984 a abstenção chegou perto de 60% do eleitorado. Em outras palavras, menos de metade dos americanos aptos a votar é que decide o resultado das urnas - e como esta parcela ainda se divide nos partidos existentes, os eleitos representam pouco mais de 20% da população adulta. Isto por acaso é democracia? Atrás da aparência de liberdade, realiza-se apenas um pleito das elites. O voto facultativo é portanto reacionário.

A Revolução Russa, marco na História da Humanidade

Os disparos dos canhões do cruzador “Aurora” contra o Palácio de Inverno em Petrogrado, a 25 de outubro de 1917 (7 de novembro, pelo calendário atual) o início de uma nova era na história da Humanidade. Na Rússia - um dos esteios da reação européia - estalava a Grande Revolução Socialista. Pela primeira vez os trabalhadores assumiam o poder do Estado. Pela primeira vez, uma sociedade sem exploradores e explorados, sem a opressão do homem pelo homem, começava a ser erigida

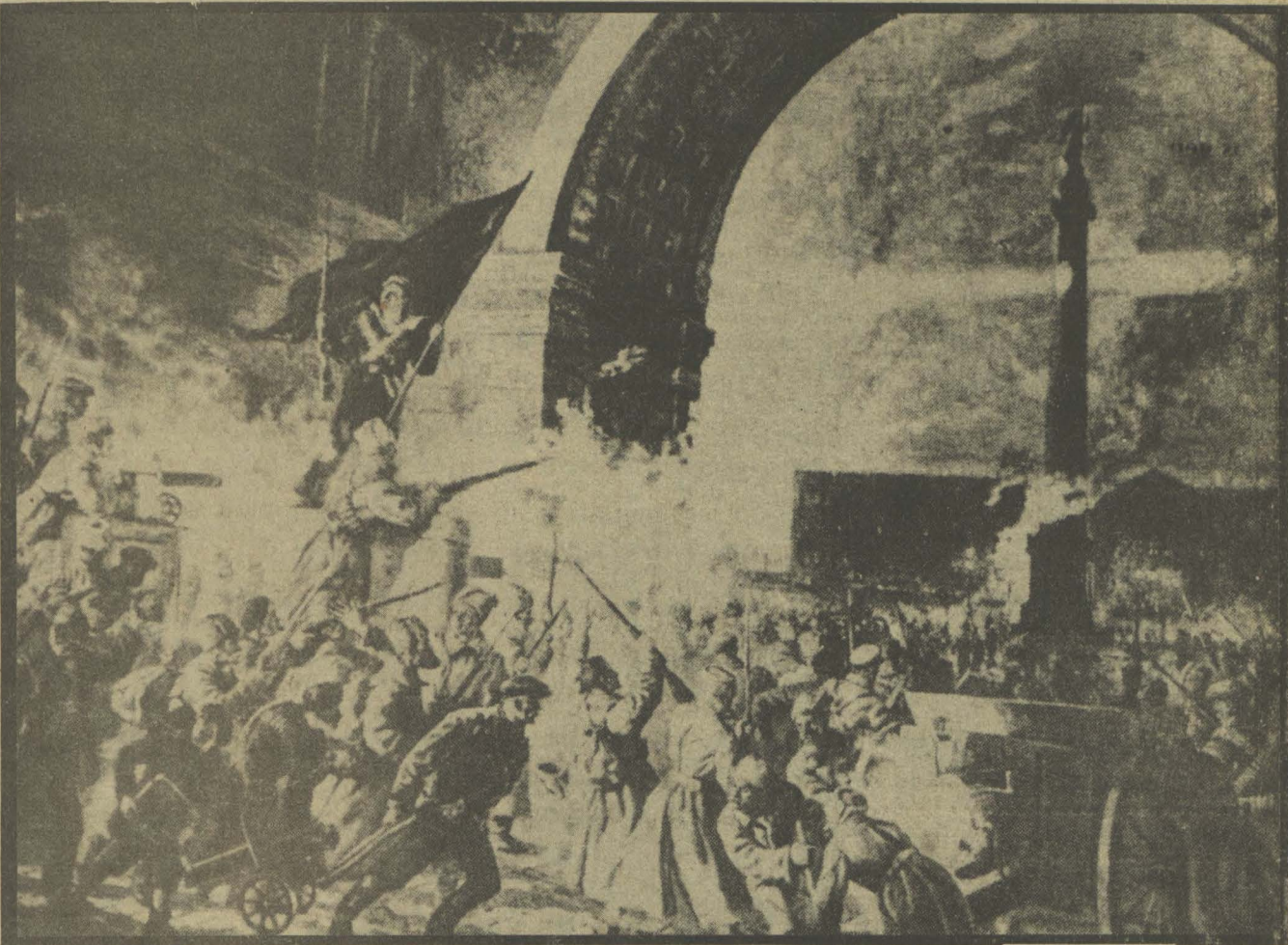
Estava se tornando realidade um dos mais antigos sonhos dos humilhados e oprimidos: um governo de trabalhadores, uma sociedade em que não houvesse espaço para a miséria, a exploração. O sistema capitalista deixou de reinar absoluto no Globo. Contra o regime opressor e decadente, envolto em guerras pela partilha do mundo, mantido à base do suor e sangue dos operários e camponeses pobres, ergueu-se o regime socialista.

De imediato, o governo decretou a reforma agrária e propôs aos países beligerantes a paz. Eram antigas reivindicações do povo russo que, já em fevereiro de 17 havia derrubado o czarismo levantando essas bandeiras, traídas pelo governo burguês de Kerenski.

O decreto da reforma agrária declarava “imediatamente abolida, sem nenhum gênero de indenização, a propriedade dos latifundiários sobre a terra”. Terras dos latifundiários, da família imperial e da Igreja foram entregues em usufruto gratuito a todos os trabalhadores. Com este decreto, passaram para as mãos dos camponeses pobres 150 milhões de hectares. Com relação à paz, imediatamente entabularam-se conversações com os governos envolvidos no conflito com a Rússia desde 1914. Na noite de 26 de outubro (8 de novembro), o II Congresso dos Soviéticos propôs aos países beligerantes um armistício por um prazo mínimo de três meses para negociar a paz. Ao mesmo tempo, fazia um apelo aos “operários conscientes das três nações mais adiantadas da Humanidade e dos três Estados mais importantes que tomam parte na atual guerra: Inglaterra, França e Alemanha” para que ajudassem a “levar a termo rapidamente a causa da paz e, com ela, a causa da libertação das massas trabalhadoras e exploradas, de toda escravidão e de toda exploração”.

Uma nova forma de Estado: a ditadura do proletariado

O governo revolucionário instituiu uma nova forma de Estado: a ditadura do proletariado. Abordando o tema, Lênin afirmou no I Congresso da Internacional Comunista: “Nas antigas repúblicas da Grécia, nas cidades medievais, nos países capitalistas adiantados, a democracia tem distintas formas e se aplica em grau distinto. Seria uma solene sandice



O povo russo, sob a direção do Partido Bolchevique, toma de assalto o Palácio de Inverno, em Petrogrado

crer que a revolução mais profunda da história da humanidade, a passagem do poder das mãos da minoria exploradora às mãos da maioria explorada - passagem que se registra pela primeira vez no mundo - pode produzir-se no velho marco da velha democracia burguesa, parlamentar, sem novas instituições que materializem as novas condições de sua aplicação etc.”

Continuando, o líder revolucionário explica: “O que tem de comum a ditadura do proletariado com a ditadura das outras classes é que está motivada, como qualquer outra ditadura, pela necessidade de esmagar a viva força a resistência da classe que perde a dominação política. A diferença radical entre a ditadura do proletariado e a ditadura das outras classes - a ditadura dos latifundiários na Idade Média, a ditadura da burguesia em todos os países capitalistas civilizados - consiste em que a ditadura dos latifundiários e da burguesia foi o esmagamento pela violência da resistência da imensa maioria da população, concretamente dos trabalhadores. A ditadura do proletariado, pelo contrário, é o esmagamento pela violência da resistência que oferecem os exploradores, quer dizer, a minoria infima da população, os latifundiários e capitalistas”.

Lênin esclarece que a “essência do poder soviético consiste em que a base permanente e única de todo o poderio, de toda a máquina do Estado é a organização massiva precisamente das classes oprimidas antes pelo capitalismo, quer dizer, dos operários e semiproletários (os camponeses que não exploram trabalho alheio e que recorrem constantemente à venda, ainda que seja em parte, de sua força de trabalho). Precisamente as massas que, mesmo sendo iguais em direitos ante a lei, até nas repúblicas burguesas mais democráticas se viram afastadas, na realidade, por meio

de mil procedimentos e artimanhas, da participação na vida política e do gozo dos direitos e liberdades democráticas, são hoje as que têm necessariamente uma participação constante, e, além do mais, decisiva na direção democrática do Estado.”

A classe operária, dirigida pelo Partido Comunista (bolchevique), aliada aos camponeses pobres e apoiada pelos soldados e marinheiros fundou o Estado soviético socialista, expropriando os capitalistas, pôs termo à guerra conquistando a paz, as estradas de ferro e os bancos foram convertidos em propriedade de todo o povo, em propriedade social.

A violência dos oprimidos contra a dos opressores

Com isto, a Revolução Socialista de Outubro abriu na história da Humanidade uma nova era, a era das revoluções proletárias, e infundiu ânimo aos oprimidos de todo o mundo.

A maior epopéia revolucionária de todos os tempos confirmou as previsões de Marx e Engels de, que para chegar ao poder, o proletariado tem que destruir toda a velha máquina de Estado da burguesia. O triunfo da ditadura do proletariado coloca para os operários a necessidade de uma estreita aliança com o campesinato e, com base nessa aliança, a formação de uma ampla frente de forças populares. Ficou evidenciado que o proletariado, para fazer a revolução, precisa de um partido de vanguarda, que se baseia nos princípios do marxismo-leninismo, combatendo o oportunismo e o revisionismo, unindo as amplas massas em seu redor.

Dirigida primeiro por Lênin, depois por Stálin, a construção do socialismo na URSS é uma demonstração cabal de que a Humanidade pode viver sem espoliadores. De que os capitalistas e latifundiários já não têm papel a cumprir no progresso da sociedade - antes, são entraves a esse progresso.

A URSS, de país atrasado que era no momento da revolução, em 1917, transformou-se numa enorme potência econômica nos menos de 40 anos em que esteve comandada pelo proletariado. Além das dificuldades internas, do enfrentamento aos inimigos da revolução dentro do próprio território russo, o poder soviético teve que bater-se com as poderosas forças externas. Logo após a revolução os imperialistas juntaram-se numa aliança militarmente o poder revolucionário. Depois, nos anos 40, patrocinaram a agressão hitleirista, sacrificando a vida de mais de 20 milhões de soviéticos.

Traição revisionista truncou a construção socialista na URSS

Mesmo assim, as vitórias do governo dos operários foram imensas. A base industrial russa atingiu o nível dos países mais avançados. Foram criadas grandes empresas no campo, apoiadas em técnicas modernas. O analfabetismo foi extirpado. A cultura e a ciência desenvolveram-se. O padrão de vida das massas chegou a níveis nunca antes vividos por nenhum outro povo. O marxismo-leninismo, a ciência da classe operária, mostrou ser um guia seguro para a construção de um novo tipo de sociedade, superior, livre das mazelas do capitalismo.

A destruição do socialismo na URSS, a partir da metade da década de 50, quando Krushov e seus acólitos tomaram o poder no partido e no país, estancou o processo revolucionário russo (este assunto será abordado em outro artigo em um de nossos próximos números). Mas mesmo a traição revisionista não foi suficiente para esmaecer a importância do caminho traçado por Lênin e Stálin. O exemplo da Revolução de Outubro permanece uma indicação precisa de que o socialismo não é um sonho de visionários, mas uma possibilidade concreta, realizável. O socialismo é o futuro radioso de toda a Humanidade.

(Carlos Pompe)

Aos cidadãos da Rússia

O governo provisório acaba de ser derrubado. O poder passou para as mãos do Comitê Militar Revolucionário, órgão do Soviete de deputados operários e soldados de Petrogrado, dirigente do proletariado e da guarnição militar de Petrogrado.

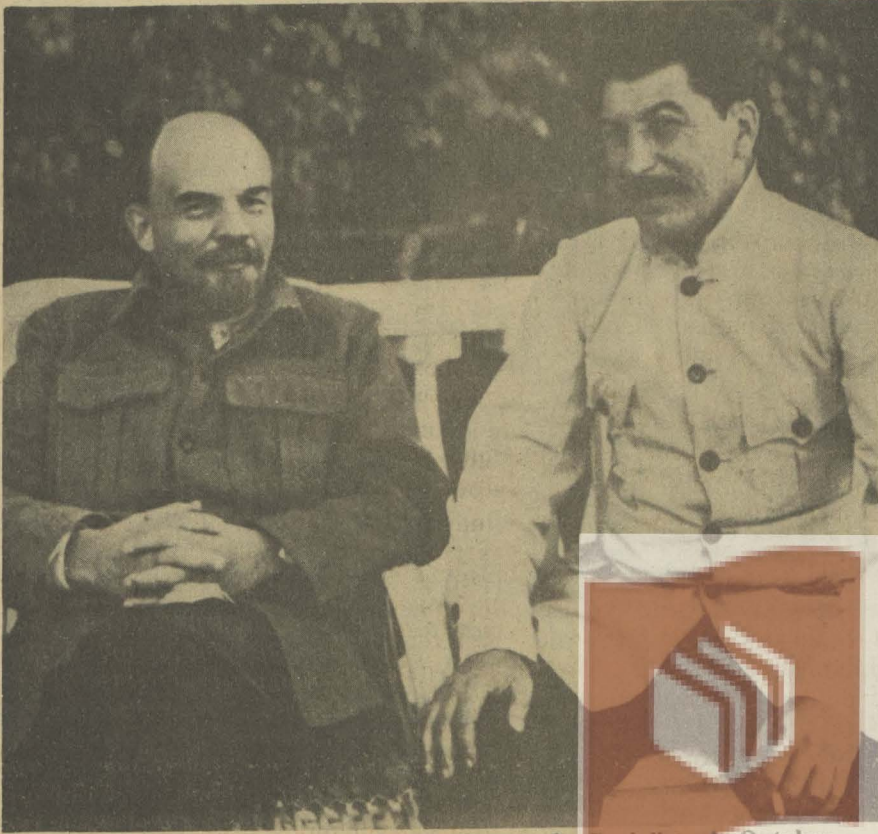
Está garantido o triunfo da causa por que o povo se tem batido: proposta imediata de uma paz democrática, abolição da grande propriedade da terra, controle operário da produção, formação de um governo soviético.

Viva a revolução dos soldados, dos operários e dos camponeses!

Comitê Militar Revolucionário do Soviete de deputados operários e soldados de Petrogrado.

25 de outubro (7 de novembro) de 1917.

10 horas da manhã.



Lênin e Stálin, os dirigentes da Grande Revolução Socialista de Outubro

COMITÊ MILITAR REVOLUCIONÁRIO DO SOVIETE DE DEPUTADOS OPERÁRIOS E SOLDADOS DE PETROGRADO
Centro de documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

METALÚRGICOS DE BETIM (MG)

Momento de decisão

A campanha salarial dos metalúrgicos de Betim e Igarapé (MG) teve uma vitória parcial nesta semana. A greve de dois dias dos 650 operários da autopeças Resil, sediada no distrito de São Joaquim das Bicas, em Igarapé, mostrou para toda a categoria que só através da luta os trabalhadores têm força para arrancar conquistas dos patrões.

com 12.800 metalúrgicos.

A fábrica se encontrava sem estoques e os operários eram obrigados a fazer inúmeras horas-extras. A greve, iniciada no último dia 19, conseguiu a adesão de 95% dos trabalhadores. Mesmo com a presença ostensiva da repressão policial, os grevistas não se intimidaram.

Com a paralisação, a produção da Fiat foi afetada. Seu estoque de carcaça de bancos ficou reduzida e na circular nº 086/87 a multinacional anunciou a suspensão do primeiro turno. Reconhecendo a falta de peças, a Fiat atacou duramente o sindicato e tentou confundir os trabalhadores.

Devido ao sucesso da greve, a Resil recuou. Ofereceu um reajuste de 78,97% para quem ganha até Cr\$ 31,43 por hora e de 72,05% para os que recebem acima deste valor. Numa assembleia com 300 trabalhadores, a contraproposta foi aceita.

Para Eugênio Sávio, vice-presidente do sindicato, a greve da Resil "provou que os metalúrgicos não vão aceitar de cabeça baixa esse tenebroso arrocho salarial imposto pelos patrões e pelo governo". Edmundo Vieira, presidente da entidade, acredita que "a greve deu novo impulso a nossa campanha salarial".

(da sucursal)

provocação. A categoria reivindica 112% de reajuste para repor a perda salarial dos últimos 12 meses, mais 30% de aumento real. Além disso, quer a redução da jornada para 40 horas semanais.

O próprio TRT considerou a proposta patronal insatisfatória. O juiz propôs 78,97% de reajuste e a redução para 44 horas na Fiat e a FMB. Mesmo achando fraca a proposta, na assembleia do último dia 18 (a mais concorrida da campanha com cerca de 500 operários), foi rejeitada a migalha dos patrões e aprovada a decisão do tribunal.

EXEMPLO IMPORTANTE

Para reforçar a mobilização da base, a greve na Resil na semana passada teve grande significado. Ela mostrou o caminho para o restante da categoria. Além disso, comprovou a acertada condução da campanha por parte da direção sindical. Esta concentrou suas forças nas empresas mais mobilizadas e nas quais os patrões estão mais apertados. É o caso da Resil, que fornece componentes essenciais para a Fiat - a maior empresa da base



Os operários da Volks abandonaram em peso seus postos de trabalho e exigem reposição salarial

DEMISSÕES NA FORD E NA VOLKS

Provocação da Autolatina

Numa atitude de represália, a Autolatina ("holding" que administra as multinacionais Volks e Ford) demitiu na quarta-feira, dia 21, cerca de 2 mil operários das duas unidades de São Bernardo, no ABC paulista, que se encontram paralisadas. Também foram dispensados 198 metalúrgicos especializados da unidade da Ford de Taubate, no interior do Estado.

A greve dos 29 mil trabalhadores da Volks e dos 7.600 da Ford de São Bernardo teve início na madrugada do dia 20. A adesão entre os horistas (produção) foi total e os grevistas fizeram passeatas e arrastões para conseguir convencer os mensalistas (escritórios). Os metalúrgicos reivindicam 65,9% de reposição. De acordo com o sindicato da categoria, esse percentual corresponde às perdas salariais sofridas pelo

setor desde março do ano passado.

"AÇÃO TRUCULENTA"

As demissões promovidas pela Autolatina foram vistas pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo como um ato de desespero e provocação. Segundo Mário Barbosa, secretário-geral da entidade, o grupo multinacional "descarregou em cima da greve, mas a gente já sabia das dificuldades dessa luta". A Autolatina também tem se recusado a negociar e ameaça com novas dispensas. Em compensação, ofereceu um ridículo reajuste de 20,65%. "A única forma dos trabalhadores voltarem a produzir é com acordo", garante Vicente Paula, presidente do sindicato.

Em razão da greve em São Bernardo, Volks e Ford acumulam dificuldades. As unidades da Volks em Taubaté e da

Ford no Ipiranga já foram afetadas pela falta de suprimentos, como motores, câmbios e outros componentes. As exportações previstas pelas empresas para o Iraque e os Estados Unidos também foram retardadas. E, além disso, as duas fábricas estão sem estoques. Segundo Amauri Amorin, presidente da Associação Brasileira de Distribuidores Volkswagen, existem apenas cerca de 2 mil carros estocados, "que já estão praticamente vendidos". Sem nova produção, o presidente da Assobrav calcula que faltarão automóveis no mercado na próxima semana. A Ford, por sua vez, conta com pouco mais de 200 veículos em seus pátios.

Diante de tanto prejuízo, uma das hipóteses é que a Autolatina esteja tentando se aproveitar do justo movimento grevista.



POSSES NO RJ E CAXIAS

Nova vida nos sindicatos

Depois de ser empossada oficialmente no último dia 15, a nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro comemorou o acontecimento numa grande festa com a categoria, no dia seguinte. Cerca de mil operários participaram do evento, que contou com representantes de várias entidades sindicais e partidos políticos, como o deputado federal Edmilson Valentin, PCdoB (ex-metalúrgico da multinacional Sulzer), Fernando Lopes, PDT, Wladimir Palmeira e Benedita da Silva, do PT. Os deputados estaduais Ernani Coelho, PT, Godofredo Pinto, PSB, Jandira Feghali, PCdoB, e o senador Jamil Hadad também estiveram presentes.

A antiga diretoria, numa postura anti-democrática, recusou-se a transmitir os mandatos. Mas a comissão organizadora do evento convidou um antigo militante da base, João de Deus, para dar posse simbolicamente. A solenidade se deu num clima de grande euforia diante da expectativa de uma nova vida para a entidade. Houve enorme vibração quando Washington da Costa, o novo presidente, retirou da entrada principal da sede uma antiga roleta que "controlava" o acesso ao sindicato.

Em todos os discursos predominou a conclamação a unidade do movimento sindical. Sérgio Barroso, diretor do Sindicato dos Médicos de Alagoas



A recém-eleita diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio

e primeiro-secretário da CGT, afirmou que a vitória da oposição no sindicato representou um duro golpe "nas pretensões oportunistas do segmento sindical representado por Luiz Antônio Medeiros e Rogério Magri, que estão atrelados aos patrões, ao governo e ao capital estrangeiro".

POSSE EM CAXIAS

No mesmo final de semana, ocorreu a posse da nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgi-

cos de Caxias do Sul, o segundo maior sindicato do setor no Rio Grande do Sul. Aproximadamente 1.500 trabalhadores participaram da solenidade. Nela a nova direção sindical anunciou que mobilizará a categoria para o comício das diretas 88 no município. Informou também que serão confeccionadas mil camisas com o slogan: "Fora Sarney, Diretas-88, Abaixo o arrocho salarial".

(das sucursais)

ACIDENTE NUCLEAR

Violência contra o povo

Uma verdadeira ação de guerra contra a população civil. É assim que deve ser qualificada a operação desencadeada pelo governo do Estado e pela CNEN para instalar no povoado de Abadia de Goiás o depósito do lixo radiativo extraído das áreas contaminadas em Goiânia.

A operação se estendeu por dois dias. No dia 17, moradores de Abadia de Goiás, Guapo, Posselândia e das Vilas Socorro e Rio Branco, auxiliados por pequenos proprietários rurais, ainda tentaram evitar a instalação do lixo, bloqueando por várias horas a rodovia GO-060.

Mas não obtiveram êxito. No dia seguinte um enorme contingente policial ocupou desde as primeiras horas da manhã a estrada e passou a impedir qualquer manifestação de protesto. Em Abadia de Goiás, especialmente, instalou-se um autêntico clima de terror, com a população sendo impedida até mesmo de se comunicar por via telefônica com Goiânia. Informações prestadas à Tribuna Operária por moradores do local dão conta

de que a polícia passou a tratá-los como se fossem marginais.

A instalação do lixo no local é, no entanto, apenas mais um entre os inúmeros atos irresponsáveis tomados pelo governo goiano e pelo CNEN desde a descoberta dos focos de radiação descontrolada. Até o momento, nenhum dos órgãos responsáveis pela decisão foi capaz de apresentar garantias convincentes de que as instalações em que será depositado o lixo são efetivamente seguras. Apesar disso, o transporte dos tambores contendo material radiativo se desenvolve em ritmo acelerado.

LOCAL PERIGOSO

Os problemas não param por aí. A área escolhida para depósito fica a apenas dez quilômetros de pontos densamente habitados em Goiânia, e é responsável pela produção da maior parte dos produtos hortifrutíferos lá consumidos. Como se não bastasse, abriga uma das principais bacias leiteras que servem a capital.

Finalmente, o governo não deu qualquer declaração a respeito do período durante o qual o lixo permanecerá no

local. Os órgãos responsáveis, quando indagados, limitam-se a dizer que a permanência é "provisória", o que tem aumentado a intranquilidade dos goianos.

O deputado constituinte Aldo Arantes (PCdoB-GO), em declarações à imprensa goiana, considerou autoritário e anti-científico o projeto de lei do presidente Sarney estabelecendo que cada Estado deve arcar com a responsabilidade do depósito do lixo atômico que venha a produzir. "É possível que determinado Estado, em função de fatores geológicos e hidrográficos, não tenha condições de armazenar o lixo atômico", declarou o parlamentar, para a seguir acrescentar: "O correto seria realizar critérios levantamentos técnico e científico e escolher o melhor local para depositar os detritos, ao invés de espalhá-los pelo Brasil afora". Aldo defendeu também que as pesquisas relativas à energia nuclear sejam retiradas da alçada da Casa Militar, e colocadas sob controle do Ministério da Ciência e Tecnologia.

(da sucursal)

SECUNDARISTAS

União e garra na UMES

Realizou-se no último dia 18, o 8º congresso da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de S. Paulo. Poderia ter sido um encontro regular do movimento estudantil, não fosse a ação de grupos mercenários e provocadores tipo MR-8, que tentaram desviar a atenção dos estudantes de seu alvo principal - a política educacional do governo Sarney e do prefeito fascista Jânio Quadros. A ação divisionista destes grupos, entretanto, não foi suficiente para quebrar a unidade que se forjou durante a realização do encontro. Fruto desse esforço, foi aprovado por ampla maioria um

conjunto de propostas progressistas, como eleições diretas em 88, reforma agrária já, não pagamento da dívida externa e luta por uma constituinte progressista.

As questões especificamente estudantis mereceram também toda a atenção do congresso, que repudiou a ação repressiva desencadeada pelas delegacias regionais de ensino, impedindo a atividade livre da entidade no interior das escolas. Além disso foi aprovada a realização de um seminário municipal de educação onde se discutirá a reforma curricular. No plano organizativo, o congresso aprovou um plano

para o reinício da construção de grêmios livres e o desencadeamento de uma campanha pela implantação das carteirinhas da entidade, reconhecidas pelas escolas e demais órgãos públicos.

VITÓRIA NO PIAUÍ

No mesmo final de semana também ocorreu o II Congresso da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de Teresina. Com a presença de cerca de 350 estudantes, representando boa parte das escolas do segundo grau da capital, o evento aprovou propostas progressistas e elegeu a nova diretoria, tendo à frente Messias Júnior, integrante da UJS.



Os estudantes festejam a vitória nas eleições de uma nova diretoria da UMES da capital paulista

3M DE CAMPINAS

Primeira greve da multinacional

Pela primeira vez em 40 anos de atividades em nosso país, a multinacional americana 3M, que opera no setor químico e de abrasivos e está instalada na cidade de Sumaré (SP), enfrenta uma greve de seus operários. O movimento, iniciado no último dia 14, conta com a adesão de todo o setor de produção, restando apenas paralisar setores administrativos.

A greve ocorreu devido à intransigência patronal em não atender às reivindicações dos

trabalhadores, que pleiteiam aumento de 40%, adicional de periculosidade e insalubridade, não desconto dos dias parados e estabilidade inclusive devido às péssimas condições de trabalho na empresa. É grande o índice de doenças dos pulmões, estômago e ouvidos. Além disso, a seção T.D. expõe os trabalhadores a gases altamente tóxicos, que já está proibido na matriz americana.

Os trabalhadores ressaltam que o sucesso que o movimento vem obtendo se deve à grande união de todos e à postura

firme e combativa do sindicato, que tem revezado seus diretores dia e noite na porta da empresa. Sidnei Marinho, diretor do Sindicato dos Químicos de Campinas, Valinhos, Paulínia e Sumaré, afirmou à Tribuna Operária que "os trabalhadores estão compreendendo que a greve não se limita apenas ao fator econômico". Os temas políticos têm despertado muita atenção, especialmente o debate sobre as decisões da Constituinte no capítulo da Ordem Social.

(da sucursal)

CALENDÁRIO

Há 300 anos nascia a ciência moderna

Há 300 anos era lançada a primeira edição do livro "Princípios Matemáticos da Filosofia Natural", de autoria do físico e matemático inglês Isaac Newton (1642-1727). O livro tem um significado histórico, pois além de conter as leis da mecânica - onde enuncia o princípio da inércia e a lei da gravitação universal - jogou a pá de cal na filosofia escolástica, sustentada pela Igreja Católica. Constitui-se, sem dúvida, na mais importante obra das ciências até o século XVIII.

A mecânica newtoniana é o coroamento de uma revolução iniciada em 1543 (quase 150 anos antes da publicação dos "Princípios") com a edição do livro "De revolutionibus orbium coelestium", do padre polonês Nicolau Copérnico (1473-1543). Neste livro, pela primeira vez nos tempos modernos, é formulado o modelo heliocêntrico no qual a terra não permanece imóvel no centro do universo como defenderam Aristóteles e Ptolomeu na Grécia Antiga e o clero católico na Idade Média. Ao contrário, neste modelo a terra girava em torno do seu eixo e descrevia uma órbita em torno do sol que era considerado o centro do universo, daí a palavra heliocentrismo. A importância desta obra pode ser avaliada pelas palavras de Engels: "O ato revolucionário pela qual a investigação da natureza declarou sua independência... foi a edição da obra imortal em que Copérnico, embora timidamente e já próximo à morte, lançou a autoridade eclesiástica sua luva de desafio a respeito das coisas da natureza".

Giordano Bruno (1548-1600), italiano, supera várias limitações da obra de Copérnico. Recusa a idéia de um centro absoluto do universo (o sol), porque defendia uma multiplicidade inesgotável de mundos (sistemas planetários) em um espaço infinito. Combate a doutrina do "lugar-natural" de Aristóteles defendendo um espaço "democratizado", fisicamente homogêneo. Sua concepção de mundo é, no conjunto, materialista, embora sob a forma de panteísmo. No pensamento de Giordano Bruno, Deus transfere-se definitivamente para a natureza que é considerada "Deus nas coisas". Por estas e outras "heresias", Bruno é condenado pela Inquisição e queimado vivo na Praça das Flores, em Roma.

Galileu comprova a teoria de Copérnico pelo Tribunal da Inquisição e é perseguido

Galileu Galilei (1564-1642) constrói um telescópio que permitirá importantes descobertas astronômicas como os satélites de Júpiter, as manchas do sol e a composição estelar da Via Láctea. Estas descobertas constituem prova factual daquilo que era hipótese: o heliocentrismo e o universo infinito. É sintomático que a Igreja Católica, que até então tolerava as idéias de Copérnico como "suppositione" sem demonstração, a partir daí "Índice", a censura da época. Galileu estuda também os movimentos na superfície da terra. Formulará a lei da queda dos corpos e o princípio da inércia (Lei I de Newton).

Aliás, é na obra de Galileu que a noção de lei da natureza adquire um significado rigorosamente científico, despojado

dos elementos antropomórficos que esta noção tinha na filosofia.

Galileu também emprega as leis por ele descobertas para explicar porque o heliocentrismo de Copérnico contrariava o "censo comum". Um observador que presenciar a queda de um corpo dentro de um barco em alto mar não saberá dizer se o barco está parado ou em movimento uniforme, pois a queda do corpo será idêntica nos dois casos. Daí a dificuldade de descobrirmos o movimento aproximadamente uniforme da terra, situados a própria terra. Galileu sistematiza todas estas idéias no "Diálogo sobre os dois principais sistemas de mundo", publicado em 1632. Também comparece ante a Inquisição.

Johannes Kepler (1571-1630), apoiado em observações astronômicas (feitas por Tycho Brahe), mais precisas que as de Galileu, descobre as leis do movimento dos planetas, essenciais para o trabalho de Isaac Newton.

Como vimos, a revolução copernicana, iniciada em 1543, só consolida sua vitória 144 anos depois, quando da publicação dos "Princípios". Sua afirmação representa também a derrocada da filosofia escolástica, sustentada pela Igreja Católica, segundo a qual nada poderia abalar a "verdade" expressa nos clássicos, como o modelo geocêntrico. O modelo era mais adequado à religião católica, pois colocava no centro do universo o principal produto da "criação divina". Sua negação abalava a Igreja Católica e a própria sociedade feudal, já em crise, na medida que a Igreja era uma das principais instituições dessa sociedade.

A obra de Newton não pode ser entendida dissociada do contexto social e econômico

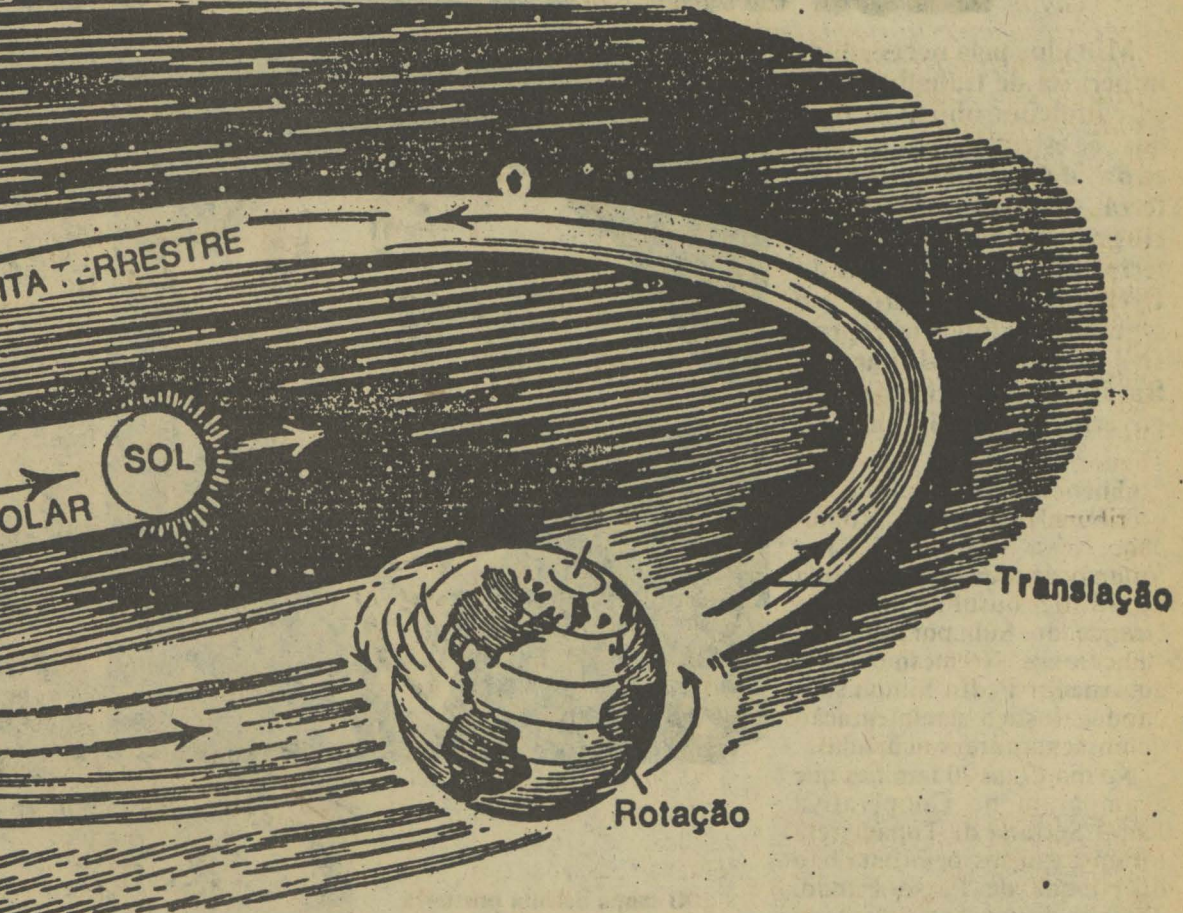


Newton, autor de "Princípios"

em que foi formulada. O fenômeno Newton não pode ser visto como uma espécie de bondade da divina providência, ou mero acaso da história. Boris Hessen (1883-1937), físico soviético, apresentou no II Congresso Internacional de História da Ciência e da Tecnologia, realizado em Londres (1931), um estudo de grande impacto no mundo científico denominado "As raízes sociais e econômicas do 'Princípios' de Newton". Neste estudo Hessen investiga as exigências históricas impostas pela emergência e desenvolvimento do capital mercantil, analisa os problemas físicos oriundos desta economia, investiga em que grupo de problemas físicos eles se situam. Concentra sua análise nos meios de comunicação, indústria e problemas físicos de então (fundamentalmente de mecânica) equivalia à criação de uma estrutura harmônica para a mecânica teórica. E esta foi a tarefa levada a cabo por Newton. Pierre Lucie, físico francês radicado no Brasil, já falecido, mostra que a lei do inverso do quadrado "estava no ar" ao analisar o nível de desenvolvimento científico à época da elaboração dos "Princípios".

O enquadramento da mecânica newtoniana num contexto histórico não deve, entretanto, anular a genialidade da contribuição específica de Isaac Newton ao patrimônio cultural da humanidade. Basta registrar que para formular as leis da mecânica ele necessita de uma matemática mais desenvolvida que a que se dispunha na época. Newton resolve este problema realizando o maior desenvolvimento matemático (cálculo diferencial e integral) desde os gregos antigos. A mecânica newtoniana influenciou todo o desenvolvimento científico posterior. Resolveu problemas que há séculos careciam de explicação científica, como o fenômeno das marés, e previu a existência de planetas desconhecidos, Netuno e Plutão, descobertos em 1846 e 1930, respectivamente. É a base física da engenharia civil e dos vãos espaciais.

Ao analisar o significado da mecânica newtoniana devemos registrar que ela se constituiu, ao lado do insuficiente desenvolvimento de outras ciências como a geologia e a biologia, na principal base científica de uma determinada concepção filosófica desenvolvida principalmente nos séculos XVII e XVIII: o materialismo clássico ou mecanicista.



Nas palavras de Engels o centro desta concepção "é constituído pela noção da *invariabilidade absoluta da natureza*. Fosse qual fosse o modo pelo qual a natureza tivesse chegado a existir, uma vez passando a existir devia permanecer tal como era, enquanto existisse". Os únicos movimentos admitidos eram mecânicos, mudança de posição no decorrer do tempo. "Negava-se toda a modificação, todo o desenvolvimento da natureza".

Engels realça o caráter metafísico desta concepção notando que apesar de dispor de um conhecimento científico maior esta concepção é um recuo em relação à visão dialética dos gregos; para os quais "o mundo era algo que havia saído do caos e depois se desenvolvera, isto é, algo que fora se fazendo". Mostra como esta concepção, apesar de materialista, abre espaço para o idealismo ao apresentar a natureza como algo ossificado, invariável, que havia sido feito de um só golpe. No próprio pensamento newtoniano isto aparece cristalino ao postular o "impulso divino" para explicar o início do movimento atual dos planetas e nos argumentos teológicos para sua concepção de tempo e espaço absoluto. Aliás, o insuspeito J.M. Keynes afirmou em 1942, com base em um conjunto de escritos teológicos de Isaac Newton não publicados: "Newton não foi o pioneiro da idade da razão. Ele foi o último dos mágicos...".

No terreno estritamente científico, o mecanismo expressou-se, por exemplo, na tentativa de reduzir a explicações mecânicas formas qualitativamente distintas de movimento, na tentativa de transformar em verdades científicas os conceitos de espaço e tempo absolutos e na idealização do processo de observação como algo completamente isolado do meio circundante.

O conteúdo científico da mecânica newtoniana ainda continua atual e válido

Decorridos 300 anos da publicação dos "Princípios", impõe-se esta distinção entre seu conteúdo científico e a concepção filosófica, da qual foi o principal escopo científico. Quanto ao conteúdo científico da mecânica newtoniana, incluindo os desenvolvimentos conceituais posteriores a Newton, há que se registrar sua

atualidade e validade. Os modernos desenvolvimentos da física modificam os seus fundamentos mas a consideram uma excelente aproximação válida para os corpos macroscópicos e com velocidades pequenas comparáveis à da luz, hoje a mecânica newtoniana é conhecida nos meios científicos por *mecânica clássica* exatamente para distingui-la das mecânicas relativística e quântica. Já a concepção filosófica que ela sustentou, embora inevitável à época pela limitação própria do desenvolvimento científico, transformou-se em obstáculo, freio ao desenvolvimento científico e social.

No terreno do desenvolvimento estritamente científico foi exatamente o mecanismo que serviu de apoio para a resistência de determinados círculos científicos no início deste século à física das grandes velocidades - relatividade restrita - e à física dos corpos microscópicos (átomos e moléculas) - Teoria Quântica. Sintomaticamente, estas teorias científicas revelam aspectos dialéticos da natureza desconhecidos até então. No terreno estritamente filosófico, esta concepção foi superada já no século passado, com a colabo-

ração do materialismo dialético por Marx e Engels.

Em 1913 ao escrever uma biografia de Marx, Lênin afirma que, para este, o defeito do "velho" materialismo consistia em: 1) que este materialismo era "essencialmente mecanicista" e que não tomava em conta os progressos mais recentes da ciência; 2) que o velho materialismo não tinha caráter histórico nem dialético, que não aplicava de forma consequente a doutrina do desenvolvimento; e 3) que concebia a "essência humana" como uma abstração e não compreendia a importância da "atividade revolucionária prática".

Concluimos que o estudo da elaboração da mecânica, nos séculos XVI e XVII, área do conhecimento da qual se origina a ciência moderna, realça a distinção entre o conteúdo científico, objetivamente verdadeiro dentro de limites determinados, e o materialismo mecanicista, de surgimento historicamente inevitável, mas verdadeiro freio ao desenvolvimento científico e social enquanto concepção filosófica.

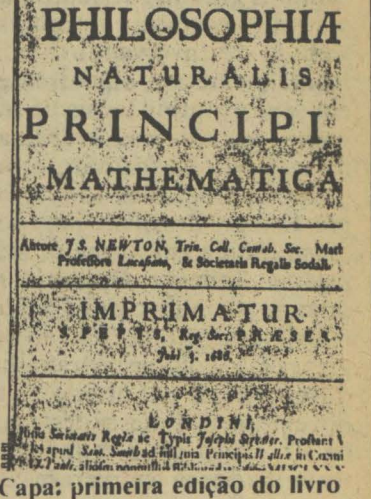
(Oliveira Freire Jr., professor do Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia)

Leis de Newton

O livro de Isaac Newton é dividido em três volumes.

Nos dois primeiros o autor conceitua espaço, tempo e movimento, examina os movimentos dos corpos na superfície da terra e formula as leis que regem estes movimentos, as famosas três leis de Newton. Lei I: "Todo corpo permanece em seu estado de repouso ou de movimento uniforme em linha reta, a menos que seja obrigado a mudar seu estado por forças impressas nele".

Lei II: "A mudança do movimento é proporcional à força motriz impressa, e se faz segundo a linha reta pela qual se imprime essa força" (apresentada de forma simplista nos livros didáticos por $F=ma$). E Lei III: "A uma ação sempre se opõe uma reação igual, ou seja, as ações de dois corpos sobre o outro sempre são iguais e se dirigem a partes contrárias".



Capa: primeira edição do livro

No terceiro volume Newton analisa o movimento dos corpos celestes, relaciona-os com os movimentos na superfície da terra e os explica formulando a lei que rege uma propriedade fundamental da matéria, a gravitação: massa atrai massa na razão direta de suas quantidades e na razão do inverso do quadrado da distância que as separa.

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318. Telefone: 36-7531 (DDD 011) Telex: 01132133 TLOBR
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira, Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.
ACRE - Rio Branco: Edifício Felício Abrahão 2º andar sala 32 - CEP 69900.
ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luis Pereira Lima, 237, sobreloja, CEP 57000. Maceió: R. Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 57000.
AMAZONAS - Manaus: R. Simom Bolivar, 231, (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - R. João Pessoa, 53, São Lázaro, Telefone: 237-6644 - CEP 69000.
BAHIA - Camacari: R. José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800.
Feira de Santana: Av. Senhor dos Passos, nº 1399 - 2º andar - sala 1415 - CEP 44100.
Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar sala 1 - Centro - CEP 45600. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar -

Centro, Juazeiro: R. Américo Alves, 6-A - CEP 44060. Paratinga: R. Marechal Deodoro, 30 - Centro - CEP 47500. Salvador: R. Conselheiro Junqueira Ayres, 41 - Barris - CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cimesf) - CEP 43700.
DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Venâncio IV, sala 312 - CEP 70302.
CEARÁ - Fortaleza: R. Barão do Rio Branco, 1809 - Centro - CEP 60000. Iguatú: praça Otávio Bomfim, s. n. Altos, - CEP 63500. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100.
ESPÍRITO SANTO - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300. Vitória: R. Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000.
GOIÁS - Goiânia: R. 3, Nº 380, casa 6 - Centro - CEP 74000. Anápolis: R. 14 de Julho, 821 - Centro - CEP 77100.
MARANHÃO - São Luís: R. Grande, 921

-Fone: 221-5444 - CEP 65000.
MATO GROSSO - Cuiabá: R. Comandante Costa, 548 - Fone: 321-5095 - CEP 78000.
MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: R. Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.
MINAS GERAIS - Belo Horizonte: R. Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000.
PARÁ - Belém: R. Manoel Barata, 993 - CEP 66000.
PARAÍBA - João Pessoa: Praça 1817, nº 116, 2º andar - Centro - CEP 58000. Campina Grande: Praça da Bandeira, 117, 1º

RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: R. Vigário José Inácio, 687 - CEP 90000. Bento Gonçalves: R. Dr. Casagrande, 58 - CEP 95700. Canoas: R. Tiradentes, 130 - sala 405 - CEP 92010. Caxias do Sul: R. Bento Gonçalves, 2048 - CEP 95100. Pelotas: R. Voluntários da Pátria, 1966 - CEP 96015. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1235, sala 20 aberto depois das 18 horas e nos sábados das 9 às 12 horas. Santa Maria: R. Mal. Floriano Peixoto, 1.357, sala 4 - CEP 97015. Rio Grande: R. Gen. Vitorino, 746-A - CEP 96200. Ijuí: R. 15 de Novembro, Edifício Nelson Luchese, s. 23, 2º andar - Caixa Postal 643 CEP 98700.
RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: R. 1º de Março, 8 - 2º andar - Fone: 252-9935 - CEP 20000. Niterói: Av. Amador Peixoto, 170, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: R. Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Travessa Renato Pedrosa, 33, sala 319 - CEP 26000. SANTA CATARINA - Florianópolis:

Praça XV de Novembro, 21, sala 705 - CEP 88000. SÃO PAULO - Americana: Av. Dr. Antonio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Botucatu: R. Armando de Barros, 817, 1º andar, sala 2 - CEP 18600. Campinas: R. Senador Saraiva, 448, fone: 2-6345 - CEP 13100. Marília: R. Dom Pedro, 180 - CEP 17500. Osasco: R. Ten. Avelar Pires de Azevedo, 20, 2º andar, sala 12 - CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119, Caixa Postal 533 - CEP 13560. Taubaté: R. Anísio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100. São José dos Campos: R. Vilaca, 195, 1º andar, sala 19 - CEP 12200. Guarulhos: R. Padre Celestino, 42, sala 8, 2º andar - CEP 12200. SERGIPE - Aracaju: Av. Rio Branco, Edifício Ovídio Teixeira, sala 1220 - CEP 49000.
A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Post-Up e Fotolito: Paula Eduarda Lobo. Fone: 35.9738. Impressão: Cia. Jofre, Fone: 815-4999 - São Paulo

Luta pela terra continua

Movidos pela necessidade imperiosa de trabalhar, sem as condições objetivas ligadas à estrutura monopolizada da propriedade da terra, centenas de colonos riograndenses ocuparam terras em vários pontos do Estado enfrentando, em seguida, a violência repressiva da Brigada Militar e os Batalhões de choque do governo Pedro Simon.

Cinco áreas, em Júlio de Castilhos, Tupanciretã, Rondinha, Nova Prata e Canoas, foram ocupadas na madrugada de 13 de outubro, no Rio Grande do Sul, por cerca de 400 colonos. No mesmo dia, o governador Pedro Simon solicitou à Justiça a reintegração de posse das áreas ocupadas.

No dia 17, as 20 famílias que acamparam na Cooperativa Rural Serrana de Tupanciretã foram expulsos pelo batalhão de choque de Passo Fundo. Trata-se de uma área envolvida em negociata. Seus 613 hectares pertencem ao Instituto de Carnes do Estado, que os arrendou à cooperativa pela irrisória quantia de Cz\$ 15,00 por ano! O arrendamento termina em 1991, mas é prorrogável por mais cinco anos.

Em Júlio de Castilhos outras 20 famílias acamparam na Estação Experimental. Foram 20 crianças, 20 homens e dez mulheres alojados em oito barracas, adornadas com faixas e cartazes protestando contra a demora da reforma agrária.

A Brigada Militar isolou as entradas e saídas da área. Apenas os funcionários da Secretaria de Agricultura e a imprensa tiveram acesso ao local no primeiro dia de ocupação. “Uma das maiores preocupações está sendo com a saúde das crianças, pois todas estão gripadas, expostas ao frio e chuva”, informou Constantino Santos, da Pastoral da Saúde. Três crianças foram internadas com pneumonia.

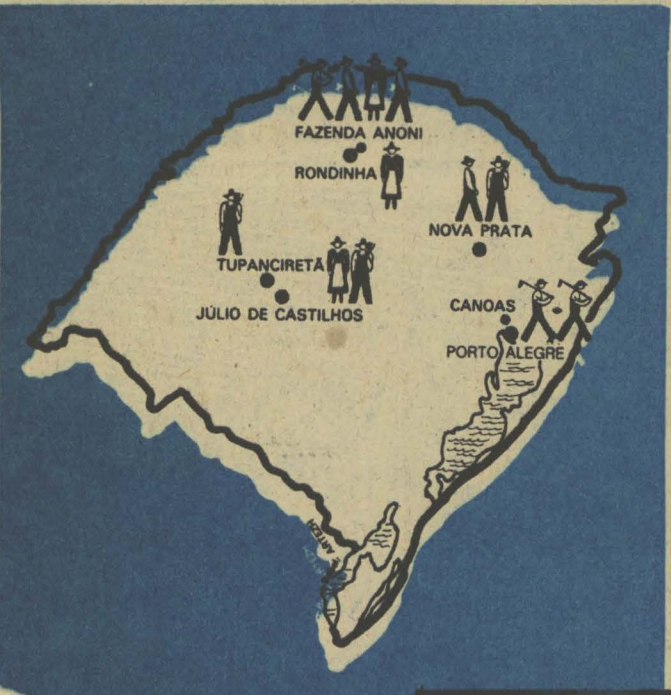
Os ocupantes receberam prazo até o dia 22 para permanecer no local. O prazo se deveu ao fato do juiz da

MOVIMENTO OPERÁRIO

Oito milhões de grevistas em 87

Para os trabalhadores brasileiros, após a instalação da Assembleia Nacional Constituinte, a grande guerra de classes entre o capital e o trabalho vem se desenvolvendo fundamentalmente em duas frentes: em seus próprios locais de trabalho, nas fábricas, empresas, na cidade e no campo, e nos salões atapetados do Congresso em Brasília. Em pesquisa cedida em primeira mão para a **Tribuna Operária** na semana passada, o DIEESE fez o levantamento do número de greves e do volume de trabalhadores nelas envolvido: nos nove primeiros meses deste ano de 87, cerca de 8 milhões de trabalhadores estiveram em greve, contra um pouco mais da metade no mesmo período do ano passado, mais exatamente 4.445.428 grevistas. Só este dado já dá a dimensão da disposição de luta dos que vivem de seu próprio trabalho diante do maior arrocho salarial que jamais tiveram de enfrentar. O ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, afirmou recentemente que os aumentos reais de salários para as categorias com data-base em setembro e outubro não devem ultrapassar a taxa de dez por cento, ou seja, 10% sobre os reajustes determinados pela taxa de inflação, calculada sobre a URP (Unidade de Referência de Preços). Acontece que vários dissídios julgados pela Justiça do Trabalho estão concedendo aumentos de 40 e até 50%.

O DESEMPREGO CRESCE Um outro termômetro da situação é o crescimento do desemprego. O DIEESE e a Fundação Seade constataram, no mês de setembro, uma redução de 10,1%, contra 9,7% em agosto, da mão-de-obra empregada na grande São Paulo



O mapa da luta por terra no Rio Grande do Sul e o difícil cenário do acampamento de Nova Prata, com a chuva, a umidade e a ação constante da Brigada Militar

Comarca, Lívio Paulo Susin, ter solicitado um levantamento sobre as atividades técnicas desenvolvidas na Estação, e também sobre as condições gerais dos acampados.

O magistrado afirmou ser ilegal o apossamento das terras públicas. Mas destacou que existem evidências marcantes de que a ocupação objetivam “pressionar” os órgãos governamentais para uma solução mais pronta para a reforma agrária, no geral, e para o assentamento definitivo dos acampados da Fazenda Annoni, no particular.

Em Rondinha 23 famílias ocuparam a Reserva Florestal do Estado, que tem cerca de 1 mil hectares. Cerca de 400 hectares desta área já haviam sido indicados pelo governo estadual para reassentamento dos sem-terra. Os colonos decidiram, de imediato, lavar as terras próximas ao acampamen-



to, ainda no dia 13. Mas no dia 16 as famílias foram despejadas por 120 soldados da Brigada Militar, quatro elementos da Polícia Civil e dois oficiais de Justiça.

Na madrugada do dia 17, 60 camponeses voltaram a invadir a Reserva. As tropas da Brigada Militar cercaram o acampamento ao clarear do dia e retiraram os ocupantes por volta das 21 horas. Um dos líderes dos sem-terras denunciou que os policiais espancaram homens e mulheres e impediram o trabalho dos jornalistas. “Houve abuso de autoridade e covardia”, afirmou. Seis colonos foram presos.

“Foi um terrorismo”, condenou o representante dos colonos. Segundo ele, o coronel Carlos Stocker - responsável pelo cerco à Fazenda Annoni, em 1986 - separou homens, mulheres e crianças em filas, e

mandou espancá-los. Até os que estavam fora da área - umas 90 pessoas - foram agredidos. No dia 19, o coronel Stocker recusou-se a ir à Comissão Parlamentar de Inquérito da Assembleia Legislativa que investiga a violência no campo...

Já na Fazenda Itapui, em Morretes, as 17 famílias de posseiros estão confiantes na possibilidade de permanecer na área. Ocorre que o Banco Meridional - proprietário da área - não pediu reintegração de posse à Justiça. Danilo da Silva da coordenação do acampamento, diz que é provável que haja mais que os 1.300 hectares declarados pela direção do Meridional na área. O banco já havia oferecido esse território para o Incra, que não o aceitou.

Em Nova Prata, 27 famílias ocuparam os 487 hectares da Estação Experimental do

município, onde apenas 20 hectares eram cultivados, com o plantio de batatinha. Os colonos receberam a imediata solidariedade de 24 entidades da região.

Na madrugada do dia 15, os soldados da Brigada Militar impediram que 40 camponeses da Fazenda Annoni, que estavam em Porto Alegre, entrassem e permanecessem no acampamento dos seus companheiros. No dia 19, o juiz Mário José Gomes Pereira concedeu liminar de reintegração de posse da área, dando um prazo de cinco dias para que os colonos a abandonassem. Mas o próprio juiz sustou o cumprimento da liminar: “Baseei minha decisão no fato de entender que se trata de um conflito de natureza coletiva, com raiz social, e não de ordem meramente jurídica”, afirmou.

Roseli de Moraes, uma das ocupantes de Nova Prata, diz

que “as mulheres estão se engajando nessa luta pela terra, com muito mais convicção do que anos atrás”. Grávida de cinco meses, ela sempre trabalhou na roça, e desabafa: “Pra cidade nós não podemos ir, pois não temos estudo e nem condições. Não queremos ser jogados nas favelas e não podemos deixar nossos filhos se marginalizarem. Não queremos terra pra bonito. Queremos é trabalhar, pois vemos nosso país tão rico e temos que pagar um preço absurdo por 1 kg de batata, porque o povo não tem onde plantar”.

Cladir Hochman, outro dos acampados, reclama de Pedro Simon: “Do governo do Estado só podemos esperar repressão. O Simon tenta acalmar o povo com promessas que nunca serão cumpridas. Hoje não aceitamos mais promessas. Queremos coisas concretas. Só assim aceitamos negociar”. (Rose Castilhos, da sucursal)

horas. Não se conseguiu a garantia plena no emprego, mas se chegou à proibição da demissão imotivada. As horas extras, na proposta aprovada, deverão ser pagas em dobro.

As trabalhadoras gestantes passarão a ter 120 dias de licença. Os direitos dos trabalhadores rurais deverão ser iguais aos da cidade. Foi rejeitado o pluralismo sindical e mantido no texto constitucional o princípio da unicidade em cada base territorial. Em relação ao direito de greve, o que foi aprovado, apesar das restrições que certamente virão com a legislação complementar, foi

positivo para o movimento sindical.

Na verdade, estas conquistas já merecem o violento repúdio dos grandes capitalistas e latifundiários, que acionam diariamente seus lobbies em Brasília e na imprensa burguesa, para tentar ainda liquidar essas vitórias nas votações no plenário da Constituinte. Da mesma forma que em 1925 a Fiesp, em memorial que criticava a concessão de 15 dias de férias para trabalhadores, escreveu: “Que fará um operário braçal durante 15 dias de férias? O lar não pode prendê-lo e ele procurará matar as suas

longas horas de inação nas ruas. A rua provoca com frequência o desabrochar de vícios latentes e não vamos insistir nos perigos que ela representa para o trabalhador inativo, inculto, presa fácil dos instintos subalternos que sempre dormem na alma humana, mas que o trabalho jamais desperta”.

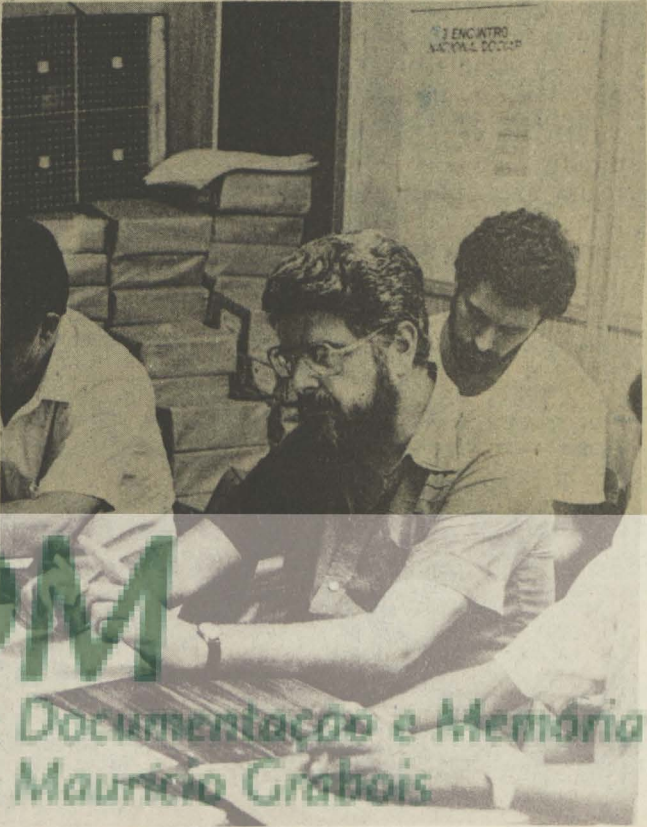
Se não foi neste mesmo tom “literário”, a Fiesp de hoje bradou aos céus anunciando o fim do capitalismo se forem aprovados os itens do atual substitutivo. Ao lado do palavreado apocalíptico, os empresários se articulam para comprar e pressionar de todas

as formas e meios os constituintes. Sem dúvida nenhuma, a contra-pressão necessária para garantir estas conquistas do ponto de vista dos trabalhadores, deverá se centuplicar, com caravanas massivas nas votações decisivas e com manifestações como a dos metalúrgicos de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, e dos metalúrgicos do Rio de Janeiro, que em posse de suas respectivas diretorias, nas últimas semanas, se comprometeram junto a suas categorias, a lutar pelas reivindicações específicas, e ao mesmo tempo, mobilizá-las em função do debate constituinte. (Pedro de Oliveira)

AS GREVES DE 1986 EM COMPARAÇÃO COM 1987

Mês	Greves	Grevistas	Mês	Greves	Grevistas
JAN	37	92.484	JAN	67	219.671
FEV	34	96.736	FEV	129	416.599
MAR	49	239.180	MAR	147	1.491.491
ABR	88	260.960	ABR	107	822.382
MAI	99	635.706	MAI	93	1.335.798
JUN	98	657.415	JUN	52	905.260
JUL	229	500.588	JUL	44	943.322
AGO	147	330.801	AGO	46	328.811
SET	86	1.631.558	SET	70	(dados incompletos)
OUT	82	971.717			
NOV	80	198.133			
DEZ	53	141.820			

Com os 40 mil grevistas da Volks e da Ford chega a 8 milhões de trabalhadores que paralizaram suas atividades por melhores condições de trabalho e por maiores salários em 1987, segundo Walter Barelli do DIEESE.



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois